

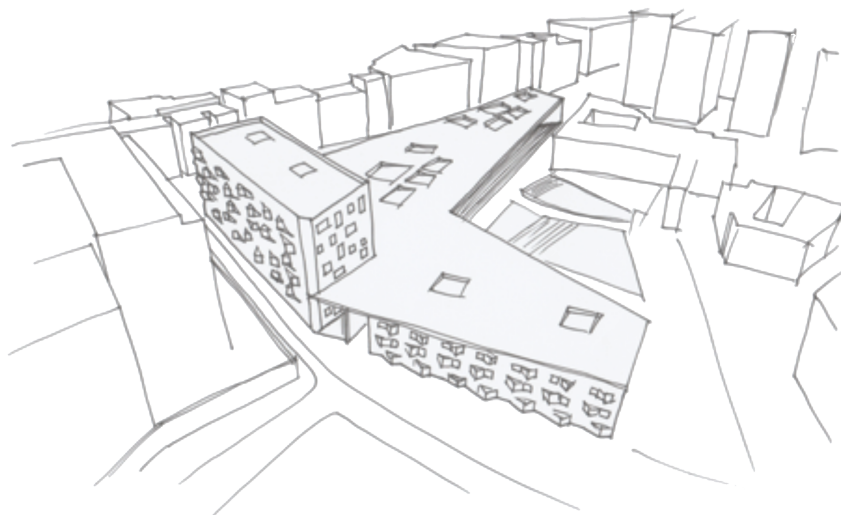
U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS

Espaço urbano de regeneração em Aleppo



João Manuel Seia de Macedo Pinto

(Licenciado)

Documento definitivo de Projeto final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura

Orientação Científica

Professor Doutor José Afonso

Juri

Presidente Doutor Jorge Ribeiro, Doutor Francisco Agostinho, Doutor José Afonso

Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Dezembro, 2018

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS

Espaço urbano de regeneração em Aleppo

Nome do aluno: João Manuel Seia de Macedo Pinto

Orientação: Professor Doutor José Afonso

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitetura

Data: Dezembro, 2018

Resumo

A Arquitetura está intimamente ligada a outros domínios como a Antropologia, Geografia e Sociologia, por isso antes de se projetar um espaço tem que ser feita uma análise à envolvente sociológica e arquitetónica do local. Uma obra de arquitetura é um reflexo do autor que a concebe e tem repercussões importantes nas pessoas que a irão habitar e utilizar.

A temática da reabilitação urbana é um assunto sensível que tem levantado muitas questões ao longo dos anos, pois cruza-se muitas vezes com a necessidade de preservar legados históricos e arquitetónicos, assim como as memórias que os mesmos encerram.

Na falta de uma solução para todos os casos, importa tomar as decisões mais sensatas que possam contribuir para a preservação dessas memórias.

A presente investigação procura ser um contributo para compreender as relações entre a arquitetura enquanto elemento dinamizador do espaço social e o modo como ela pode ser utilizada para combater a descaracterização social das cidades, tomando como caso de estudo a cidade de Aleppo, e através de um projeto destinado à construção de uma residência de estudantes internacionais nessa cidade.

Palavras-chave: Reabilitação; Cultura; Cidade; Arquitetura.

RESIDENCE FOR INTERNATIONAL STUDENTS

Urban regeneration space in Aleppo

Student's name: João Manuel Seia de Macedo Pinto

Adviser: Professor Doutor José Afonso

Master's degree: Master in Architecture

Date: December 2018

Abstract

Architecture is intimately connected to other domains such as Anthropology, Geography and Sociology, so before designing a space, an analysis to the sociological and architectural surroundings of the place must be made. A work of architecture is a reflection of the author who conceives it and has important repercussions to the people who will inhabit and use it.

Urban rehabilitation is a sensitive subject that has raised many questions over the years, as it often spans across the need to preserve historical and architectural legacies, as well as the memories they contain.

In the absence of a solution for all cases, it is important to make the most sensible decisions that can contribute to the preservation of those memories.

The present research seeks to contribute to the understanding of the relationship between architecture as a dynamic element of the social space and how it can be used to fight against the loss of cities' social identity, taking as a case study the city of Aleppo, and through the a project for the construction of a residence to serve international students in that city.

Keywords: Rehabilitation; Culture; City; Architecture.

Agradecimentos

Uma dissertação de mestrado, apesar de ser um processo de investigação solitário, reúne o contributo e o apoio de várias pessoas durante a sua realização.

Gostaria, assim, de agradecer àquelas pessoas que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para que pudesse concluir, com este trabalho, mais uma etapa da minha vida profissional e académica.

À minha amiga Dr^a. Maria João Moutinho agradeço a sua amizade.

Ao meu orientador, Professor Doutor José Afonso, agradeço a sua disponibilidade, o seu profissionalismo e acima de tudo, o seu apoio, que foi determinante para a elaboração desta dissertação.

Agradeço à minha família pelo apoio que sempre me deram, pelo amor que nunca me faltou e pela confiança nas minhas capacidades, incentivando-me sempre a sonhar mais alto.

Agradeço aos meus amigos pela paciência e compreensão pelas minhas ausências forçadas, durante a elaboração deste trabalho.

“I prefer drawing to talking. Drawing is faster, and leaves less room for lies.”

Le Corbusier

Índice Geral

Resumo	ii
Abstract	iv
Agradecimentos	v
Índice de Imagens	x
Infografia.....	xiv
Capítulo I - Introdução	1
1.1. Motivação e Objetivos	1
1.2. Justificação	2
1.3. Metodologia Aplicada	2
1.4. Estrutura e Conteúdos	4
Capítulo II – Reabilitação Arquitetónica	5
2.1. Valorização da Reabilitação	5
2.2. Evolução do conceito	5
2.2.1. O restauro arqueológico	7
2.2.2. O restauro estilístico	9
2.2.3. John Ruskin	11
2.2.4. O restauro filológico ou restauro moderno de Camillo Boito	12
2.2.5. O restauro histórico	14
2.2.6. O restauro científico	15
2.2.7. O restauro crítico	15

2.3. Documentação Internacional – Cartas e Convenções	17
Capítulo III – A Reabilitação e o impacto urbano	22
3.1. A reabilitação em meio urbano	22
3.1.1. Impacto da reabilitação neste contexto.....	23
3.2. A reabilitação na Cultura – Exemplos e Projetos de Referência.....	24
3.3. Património monumental – Tournai (Bélgica).....	24
3.4. Espaço público – Lyon (França)	26
3.5. Morfologia urbana – Vilnius (Lituânia).....	28
3.6. Habitação – Lima (Peru)	30
3.7. Diversidade Socioeconómica – Cuenca (Equador).....	33
3.8. Mobilidade – Estrasburgo (França).....	35
Capítulo IV – Caso de Estudo - Residências de Estudantes	38
4.1. Requisitos de qualidade espacial.....	38
4.2. Carácter institucional.....	39
4.3. Potencial de sociabilidade	45
4.4. Espaço envolvente.....	46
Capítulo V – Proposta projetual.....	49
5.1. Enquadramento Histórico, Físico e Humano	49
5.2. Caracterização do Espaço Geográfico.....	57
5.3. Descrição da Proposta	58
Conclusões	94
Bibliografia	96

ANEXO I - Processo de trabalho e Desenhos técnicos	101
--	-----

Índice de Imagens

Imagem 1 - Vista da Catedral de Tournai	26
Imagem 2 - Margens do Saône em Lyon	28
Imagem 3 - Avaliação 3D do impacto visual de uma torre perto do centro histórico de Vilnius (Lituânia).....	29
Imagem 4 – Casa de Las Columnas (Lima, Peru)	31
Imagem 5 - Casa de las columnas (Lima, Peru) durante o restauro	32
Imagem 6 - Porta de entrada do claustro da Casa de Las Columnas (Lima, Peru), depois de restaurada	33
Imagem 7 - Cuenca (Espanha)- centro histórico.....	34
Imagem 8 - O centro urbano de Estrasburgo (França) e o seu elétrico.....	37
Imagem 9 - Hassayampa Academic village (Tempe, EUA).....	40
Imagem 10 - Jowett Walk (Oxford, Reino Unido) Vista externa.	41
Imagem 13 - Mosvangen Student Residences (Noruega) Circulação Central.....	42
Imagem 12 - Mosvangen Student Residences (Noruega).....	43
Imagem 13 - Kendrew Quadrangle (Oxford, Reino Unido) – Dormitório desocupado.	44
Imagem 14 - Kendrew Quadrangle (Oxford, Reino Unido) – Dormitório personalizado	44
Imagem 15 - Kendrew Quadrangle (Oxford, reino Unido) – Sala de Convívio	45
Imagem 16 - Kendrew Quadrangle (Oxford, Reino Unido) – Sala de Estudo	46
Imagem 17 - Courtyard Townhouses (Oakland, EUA) Implantação e pátio central.....	47
Imagem 18 - Cidade de Aleppo, com a cidadela medieval ao centro	50
Imagem 19 - Portão da cidadela medieval de aleppo	51

Imagem 20 - Teto restaurado da Sala do Trono na cidadela de Aleppo, construída durante o domínio Mameluco	53
Imagem 21 - O Império Otomano na sua maior extensão	54
Imagem 22 - Aleppo, Síria, classificada como Património Mundial em 1986	57
Imagem 23 - Vista aérea da cidade de Aleppo	59
Imagem 24 - Vista aérea do quarteirão	60
Imagem 25 - Planta do piso térreo	61
Imagem 26 - Planta da residência e praça.....	62
Imagem 27 - Planta do Quarteirão (Legendada).....	63
Imagem 28 - Planta da residência com identificação dos edifícios e diferentes zonas.....	64
Imagem 29 - Planta da residência com identificação das zonas coletivas, privadas e públicas	65
Imagem 30 - Planta da residência com as respetivas áreas.....	66
Imagem 31 - Modelo tridimensional da residência onde é visível a pala em betão que unifica os volumes	67
Imagem 32 - Modelo tridimensional da residência onde é visível a pala em betão que unifica os volumes (outro ângulo)	67
Imagem 33 - Modelo tridimensional da residência onde é visível o desnível das cotas	68
Imagem 34 - Modelo tridimensional da residência onde é visível o desnível das cotas (perspectiva 2)	69
Imagem 35 - Modelo tridimensional da residência onde é visível o desnível das cotas (perspectiva 3)	69
Imagem 36 - Modelo tridimensional da residência vista de cima, onde são visíveis os terraços e as clarabóias	70

Imagem 37 - Modelo tridimensional da residência vista de cima, onde são visíveis os terraços e as clarabóias (perspectiva 2)	71
Imagem 38 - Modelo tridimensional da residência vista de cima, onde são visíveis os terraços e as clarabóias (perspectiva 3)	71
Imagem 39 - Modelo tridimensional - pormenor dos vãos a oeste.....	72
Imagem 40 - Modelo tridimensional - pormenor dos vãos a oeste (perspectiva 2)	72
Imagem 41 - Modelo tridimensional - pormenor dos vãos a oeste (perspectiva 3)	73
Imagem 42 - Modelo tridimensional do interior da residência.....	74
Imagem 43 - Modelo tridimensional do interior do piso térreo do Bloco A (3 pisos)	75
Imagem 44 - Modelo tridimensional do interior do piso térreo do Bloco B (6 pisos).....	76
Imagem 45 - Modelo tridimensional do interior do piso térreo do Bloco C.....	76
Imagem 46 - Modelo tridimensional do interior do piso térreo do Bloco D	77
Imagem 47 - Materiais utilizados na construção da residência	77
Imagem 48 - Betão reciclado	78
Imagem 49 - Tijolo de Adobe	79
Imagem 50 - Isolamento com placas de aglomerado de cortiça	79
Imagem 51- Cidadela de Aleppo	80
Imagem 52 - Fachada em pedra calcária.....	80
Imagem 53 - Modelo tridimensional - pavimento interior da residência.....	81
Imagem 54 - Modelo tridimensional - pavimento exterior da praça	82
Imagem 55 - Impermeabilização em tela de xisto	82
Imagem 56 - Lajes de betão reciclado	83

Imagem 57 - Esquema do vidro triplo	83
Imagem 58 - Painéis solares fotovoltaicos.....	84
Imagem 59 - Baterias estacionárias	84
Imagem 60 - Sistema híbrido com baterias.....	85
Imagem 61 - Piso radiante hidráulico	86
Imagem 62 - Temperatura de cor lâmpadas LED.....	86
Imagem 63 - Mesa em madeira e vidro por Greg Klassen	87
Imagem 64 - Residência vista da praça.....	88
Imagem 65 - Praça vista de baixo da pala.....	88
Imagem 66 - Residência - fachada norte.....	89
Imagem 67 - Parte de baixo da praça.....	89
Imagem 68 - Sala de estar - blocos oeste.....	90
Imagem 69 - Cozinha - blocos norte.....	90
Imagem 70 - Quarto duplo - blocos oeste.....	91
Imagem 71 - Quarto duplo - blocos norte.....	91
Imagem 72 - Quarto duplo - blocos norte.....	92
Imagem 73 - Terraço de quarto duplo - blocos norte.....	92
Imagem 74 - Maqueta virtual.....	93
Imagem 75 - Maqueta virtual.....	93

Infografia

Imagem 1 - www.plazilla.com

Imagem 2 - www.ft.com/content/02f84fbe-cd5c-11e4-9144-00144feab7de

Imagem 3 - <https://vilnius.lt/en/projects/>

Imagem 4 - www.wmf.org/project/lima-historic-center

Imagem 5 - www.wmf.org/project/lima-historic-center

Imagem 6 - www.wmf.org/project/lima-historic-center

Imagem 7 - www.gringotree.com/cuenca-ecuador-still-worlds-top-retirement-place

Imagem 8 - www.rue89strasbourg.com/cts-externalisation-controles-79015

Imagem 9 - www.trendstelevision.com/hassayampa-academic-village-asu-housing/

Imagem 10 - www.ukstudycentre.com/schools/oxford-royal-academy/

Imagem 11 - www.helenhard.no/thinking/student_dwelling_on_mosvangen

Imagem 12 – www.helenhard.no/thinking/student_dwelling_on_mosvangen

Imagem 13 - www.sjc.ox.ac.uk/discover/about-college/college-buildings/21st-century/

Imagem 14 - www.sjc.ox.ac.uk/discover/about-college/college-buildings/21st-century/

Imagem 15 - www.pricemyers.com/structural-engineering/projects/kendrew-quadrangle-st-johns-college-oxford/

Imagem 16 - www.pricemyers.com/structural-engineering/projects/kendrew-quadrangle-st-johns-college-oxford/

Imagem 17 - www.pyatok.com/work/project/17/MILLS-COLLEGE

Imagem 18 - thehistoryofbyzantium.com/2017/04/13/episode-135

Imagem 19 - www.pinterest.pt/pin/551902129310153917/?lp=true

Imagem 20 - commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleppo_Citadel_18_-_Throne_Hall.jpg

Imagem 21 - Encyclopaedia Britannica, Inc.

Imagem 22 – www.discover-syria.com/photo/58499/13768

Imagem 23 - Google Earth (2018)

Imagem 24 – Google Earth (2018)

Imagem 25 – Elaboração própria

Imagem 26 - Elaboração própria

Imagem 27 - Elaboração própria

Imagem 28 - Elaboração própria

Imagem 29 - Elaboração própria

Imagem 30 – Elaboração própria

Imagem 31 - Elaboração própria

Imagem 32 – Elaboração própria

Imagem 33 – Elaboração própria

Imagem 34 - Elaboração própria

Imagem 35 - Elaboração própria

Imagem 36 - Elaboração própria

Imagem 37 - Elaboração própria

Imagem 38 - Elaboração própria

Imagem 39 – Elaboração própria

Imagem 40 – Elaboração própria

Imagem 41 - Elaboração própria

Imagem 42 - Elaboração própria

Imagem 43 - Elaboração própria

Imagem 44 – Elaboração própria

Imagem 45 - Elaboração própria

Imagem 46 - Elaboração própria

Imagem 47 - Elaboração própria

Imagem 48 - www.environmentalleader.com/2017/01/manufacturers-get-new-standard-for-recycling-concrete/

Imagem 49 - <https://altbuildblog.blogspot.com/2011/08/making-adobe-bricks.html>

Imagem 50 - www.amorimisolamentos.com/aplicacoes/ETICS/57/

Imagem 51 - <https://aiiawa.tidyhq.com/public/schedule/events>

Imagem 52 - <https://www.stone-ideas.com/55812/italian-palazzo-with-modern-limestone-facade/>

Imagem 53 - Elaboração própria

Imagem 54 - Elaboração própria

Imagem 55 - <http://zonaplus.no.comunidades.net/vila-franca-de-xira-alhandra>

Imagem 56 - <https://aclweb.pt/media/576181077e5e8.pdf>

Imagem 57 - www.pinterest.pt/pin/180073685074973089/?lp=true

Imagem 58 - www.portal-energia.com/vantagens-desvantagens-diferencas-dos-paineis-solares-fotovoltaicos/

Imagem 59 - www.planob.pt/abrir/solar_fotovoltaico/sistema_autonomo

Imagem 60 - <https://blog.bluesol.com.br/diferenca-sistema-fotovoltaico>

Imagem 61 - <https://espacomulher.net/piso-radiante/>

Imagem 62 - <https://eishopbr.com.br/2017/10/17/temperatura-de-cor/>

Imagem 63 - <http://vidrado.com/noticias/curiosidades/mesas-de-madeira/>

Imagem 64 - Elaboração própria

Imagem 65 - Elaboração própria

Imagem 66 - Elaboração própria

Imagem 67 - Elaboração própria

Imagem 68 - Elaboração própria

Imagem 69 - Elaboração própria

Imagem 70 - Elaboração própria

Imagem 71 - Elaboração própria

Imagem 72 - Elaboração própria

Imagem 73 - Elaboração própria

Imagem 74 - Elaboração própria

Imagem 75 - Elaboração própria

Capítulo I - Introdução

1.1. Motivação e Objetivos

O Espaço é sem dúvida a característica mais importante, é nele e através dele que a pessoa que o habita tem a capacidade de sentir, experimentar emoções só pelo facto de viver nesse local. Atualmente, um projeto arquitetónico vai muito para além do que se considera hoje em dia uma necessidade básica, podendo afirmar-se que este é quase uma questão de afirmação de poder (Pereira, 2011, p.1)

A conservação, salvaguarda e revitalização sempre foi um tema de extremo debate e de interesse maior, já que falamos de memória e do modo como esse legado foi transitando ao longo dos anos, e, principalmente, como será o seu destino, sendo da responsabilidade de quem intervém optar pelas melhores e mais sensatas escolhas, partindo do pressuposto que não existe uma única solução, mas sim diversas opções que variam consoante o caso.

Assim, ao aprofundar a análise desta realidade, apercebi-me da pertinência atual desta temática, a desenvolver nas áreas da Arquitetura e da Reabilitação e da necessidade de realizar estudos que possam de algum modo vir a contribuir para a procura de soluções de reabilitação urbana para a preservação dessas memórias.

Deste modo, o objetivo principal desta dissertação consiste **no desenvolvimento de uma intervenção no centro histórico de Aleppo, aliando a arquitetura enquanto elemento dinamizador do espaço social.**

Para efeitos de operacionalização do objetivo geral, definiram-se três objetivos específicos:

- I. Analisar as práticas desenvolvidas noutros países que evidenciem a viabilidade da arquitetura enquanto elemento dinamizador do espaço social;
- II. Evidenciar a contribuição que os materiais e as técnicas construtivas da Arquitetura podem representar no desenvolvimento sustentável no domínio da construção e reabilitação;
- III. Identificar novas propostas e vetores na área da arquitetura face à descaracterização social da cidade de Aleppo.

Com estes objetivos em vista, foi colocada a seguinte **questão de investigação**:

Como pode a Arquitetura contribuir para combater a crescente descaracterização social da cidade de Aleppo?

A procura de respostas para esta questão foi a motivação que nos guiou ao longo do presente estudo e que se encontra na base da decisão de realizar o presente estudo sobre o espaço urbano de regeneração, tendo a cidade de Aleppo, como caso de estudo.

1.2. Justificação

As Intervenções de Conservação e Restauro, em particular no património classificado, assumem-se, cada vez mais, como uma necessidade essencial. Abordar este tema implica aprofundar um conhecimento na área do património arquitetónico, clarificar as necessidades da reabilitação, e compreender as metodologias adotadas, para assim “redesenhar a obra existente, procurando preservar o património edificado e toda a sua envolvente física e social, compatibilizando a constante mudança económica e de hábitos com os elementos mais duradouros” (Malafaya, 2004, p. 62).

No que se refere ao contexto arquitetónico, os instrumentos resultantes deste estudo poderão ajudar o tipo de intervenção na paisagem urbana, no sentido da sua requalificação, desde a renovação, implicando a demolição, reabilitação e substituição dos elementos existentes, tendo como objetivo a dinamização da vivência do local a requalificar. Esta requalificação irá permitir recuperar espaços desqualificados e desvalorizados, através de uma intervenção que tem de ser integrada, abrangendo diversas componentes da vida urbana, uma vez que se trata de recuperar o valor patrimonial da cidade, que se associa à própria noção de urbanidade e à qualidade da cidade enquanto tal.

1.3. Metodologia Aplicada

A escolha da metodologia adequada ao projeto é uma das decisões mais difíceis e importantes. Tendo em linha de conta a pergunta de partida e respetivos objetivos do projeto a

desenvolver, será utilizada uma abordagem metodológica de carácter qualitativo, com recurso ao método indutivo, que parte do geral para o particular. Assim a resposta às questões colocadas é dada com base nos casos individuais observados.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta as seguintes características principais:

- I. A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha de dados;
- II. A sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados;
- III. A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final;
- IV. Os dados são analisados indutivamente, como se reunissem, em conjunto, todas as partes de um puzzle;
- V. Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “quê”.

A investigação exploratória (Vergara, 1997) é realizada a fim de se acumular mais conhecimento sobre o assunto estudado e envolve um levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulem a sua compreensão. Este tipo de pesquisa também possui como finalidade, desenvolver, modificar e esclarecer conceitos e ideias para posteriormente formular abordagens (Gil, 1999). Assim, é nosso entendimento proceder à adoção de uma recolha bibliográfica intensiva, que garanta a validade interna do projeto.

Este projeto baseia-se em fontes documentais sendo que, a análise documental tem como uma das suas funções procurar identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Neste caso particular, será desenvolvido um projeto de uma residência de estudantes internacionais no centro histórico de Aleppo, integrada no contexto arquitetónico da cidade.

Como metodologia de análise do caso de estudo optámos por seguir as indicações propostas por Judith Bell (1997, p. 23) que nos permite “concentrar num caso específico ou situação e tentar identificar [...] os diversos processos interativos em curso”.

1.4. Estrutura e Conteúdos

A estrutura desta dissertação encontra-se dividida em três partes. Numa fase inicial pretendeu-se identificar e desenvolver os conceitos analíticos associados às palavras-chave que formulam o tema – reabilitação, cultura, cidade e arquitetura - com o objetivo de ser constituída uma base de conhecimento, fundamental à posterior análise do caso de estudo selecionado.

Assim, neste primeiro capítulo foi abordada a temática da reabilitação arquitetónica. Pretendeu-se traçar um retrato histórico da reabilitação e dos pressupostos teóricos que estão na base da evolução dos métodos e técnicas que são atualmente utilizados na valorização da reabilitação. Foi explorado o seu conceito assim como a documentação internacional que regula a sua aplicação.

O capítulo seguinte foi dedicado à reabilitação e ao seu impacto no meio urbano. Foi analisada também a problemática da reabilitação na cultura com o estudo de alguns exemplos de boas práticas, assim como projetos de referência.

O caso de estudo selecionado, que incide sobre residências para estudantes, foi analisado na terceira parte desta dissertação. Procurou-se investigar os requisitos de qualidade espacial a que este tipo de edifícios deve obedecer, nomeadamente no que respeita ao carácter institucional, potencial de sociabilidade e espaço envolvente.

No quinto capítulo é apresentada a proposta projetual. Foi também efetuado o enquadramento histórico, físico e humano da cidade de Aleppo e a caracterização do espaço geográfico onde se pretende implantar o projeto da residência de estudantes.

As conclusões deste trabalho resultaram das lições retiradas no caso de estudo, relacionando-o com o trabalho de investigação levado a cabo e que sustenta o enquadramento teórico desta dissertação/projeto final de mestrado.

Capítulo II – Reabilitação Arquitetónica

2.1. Valorização da Reabilitação

A recuperação enquanto conceito geral, nasceu há já muitos séculos. Desde há muito que o criador das obras de arte era também, muitas vezes, o restaurador das mesmas, usando materiais análogos aos empregues nos originais, reparando os danos e, por vezes, até atualizando-as para os gostos dominantes da época.

É difícil estimar o momento em que o homem começa a utilizar métodos que prolongassem a vida das suas criações. Intuitivamente poderíamos procurar estabelecer um paralelismo histórico, tentando determinar momentos exatos que marcariam o início das técnicas de restauro e conservação.

Sabe-se, contudo, que apesar da proteção do Património na nossa história ser recente, nem sempre se preservaram obras que, hoje seriam de valor inestimável. O Hotel Imperial de Tóquio de Frank Lloyd Wright que data de 1915 terá sido demolido em 1968 (mesmo após ter resistido aos terremotos). Já as Oficinas Esders de Perret, construídas em 1919, em Paris, foram demolidas em 1960. Semelhante sina tiveram os Armazéns Schocken de Mendelsohn em Estugarda de 1924 que viram as suas fundações irem abaixo em 1955 (Silva, 2004).

Neste contexto importa traçar um retrato cronológico dos momentos e posturas mais relevantes no que diz respeito à temática da reabilitação, sob a perspetiva da salvaguarda do património histórico e arquitetónico.

2.2. Evolução do conceito

Segundo Françoise Choay, podemos localizar no Renascimento o nascimento do monumento histórico e com ele o interesse na preservação do património herdado da Antiguidade, manifestado por uma elite intelectual e artística que pretendia restituir à Roma do *Quattrocento* algum do poder e prestígio, que ao longo dos séculos tinha perdido (Choay, 1999, p. 29).

O monumento assegura, sossega, tranquiliza, ao conjurar o ser do tempo. É garantia das origens e acalma a inquietude que gera a incerteza dos princípios. Desafio à entropia, à acção dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, o monumento procura apaziguar a angustia da morte e da aniquilação (Choay, 1999, p. 16).

De facto, a corrente humanista alimentada por poetas, filósofos, pintores, escultores e arquitetos, que então se iniciava, estendeu-se à arqueologia e ao estudo dos monumentos clássicos. Em 1431, Poggio Bracciolini e Flavio Biondo publicam o livro *De Varietate Fortuna*, onde pela primeira vez se inventaria e cataloga, com uma descrição detalhada, as ruínas romanas. A descoberta, efetuada alguns anos antes, em 1415, na abadia de Monte Cassino, da obra de Vitruvius¹, *De Architectura*, terá também influenciado significativamente o renascer do interesse na arquitetura clássica e na necessidade de proceder ao seu restauro. Escrito provavelmente antes de 27 a.C., no século I d.C. *De Architectura* já era considerada uma obra canónica. Fonte incalculável do conhecimento tradicional, os dez livros que compõem a obra de Vitruvius inspiraram diversos tratados que expunham as regras da arquitetura clássica (Vitruvius, Morgan & Warren, 1914).

Em *De ReAedificatoria*, publicada em Florença em 1485, Leon Battista Alberti², retoma as teorias defendidas por Vitruvius na sua obra, as quais se relacionam com o que hoje denominamos de Reabilitação. Dividido em dez livros, à semelhança do tratado de Vitruvius, o décimo e último volume da obra tem como título *Restauração de Edifícios* e aborda a temática da reabilitação.

São então realizadas muitas obras de restauro, decorrentes da iniciativa de mecenas com a participação de alguns dos mais renomados artistas do Renascimento italiano. No entanto, em algumas dessas intervenções nota-se uma certa contradição de princípios, contrapostas pela adoção de soluções ousadas que a crítica fará retornar (Neto, 2001).

¹ Marcus Vitruvius Pollio (c.80-70 a.C-15 a.C.), ou apenas Vitruvius, como é vulgarmente conhecido, arquiteto romano do século I a.C. foi o autor da obra *De Architectura*, o único tratado de arquitetura do período greco-romano que chegou aos nossos dias. Esta obra é composta por dez livros onde o autor aborda diversos temas, entre os quais a formação dos arquitetos, as diferentes construções públicas e privadas, ou os processos e os materiais de construção (Vitruvius, Morgan & Warren, 1914).

² Leon Battista Alberti (1401-1472) foi uma das principais figuras do Renascimento italiano. Na sua obra *De ReAedificatoria* aborda diversos problemas construtivos das cidades, analisando diferentes aspetos como a habitação, as ruas, as fortificações, ou os arrabaldes (Ribeiro, 2008, p. 29).

2.2.1. O restauro arqueológico

Em meados do século XVIII com as descobertas arqueológicas em Herculano, em 1711 e, mais tarde, em Pompeia³ em 1748, desenvolve-se uma nova consciência do valor histórico e artístico dos monumentos, sublinhado pelo espírito “iluminado” da época que procura as origens da civilização europeia e a temática do restauro ganha uma nova perspectiva científica.

São definidos estilos, épocas e períodos, para distinguir arte clássica e assiste-se a uma primeira tentativa de classificar os monumentos, obras de arte e descobertas arqueológicas da Antiguidade Clássica, segundo “rigorosas” cronologias (Neto, 2001, p. 26).

Segundo Philippot (2002, p. vii) é no século XVIII que se molda o conceito moderno do restauro, fruto do “desenvolvimento do pensamento histórico ocidental”. Para este autor, este terá resultado do cruzamento entre o “racionalismo do Iluminismo e o sentimentalismo pré-Romântico e Romântico”.

De acordo com Jokilehto (2002, p. 56) o aparecimento do Neoclassicismo terá sido influenciado pelas grandes descobertas arqueológicas do século XVIII. Este movimento cultural, baseado nos ideais do Iluminismo, advogava os princípios da moderação, equilíbrio e idealismo em resposta aos excessos dramáticos do Barroco tardio, pretendendo estabelecer uma nova definição da arquitetura. No entanto, os seus conceitos propagaram-se, estendendo-se a todas as áreas da arte e tendo contribuído para a construção do mundo moderno.

Para Neto (2001), o *restauro arqueológico* baseava-se na exploração arqueológica, efetuando uma análise arquitetónica comparativa. Esta análise possibilitava que fosse feita a reconstrução do monumento, utilizando partes originais e elementos novos que se distinguiam dos autênticos. Estes princípios foram utilizados no restauro da Basílica de São Pedro, em Roma, durante o pontificado do Papa Leão XIII (1823-1829) que encomendou essa obra, assim como nos trabalhos levados a cabo nos monumentos de antigo Fórum romano, durante a primeira metade do século XIX. Entre esses trabalhos, a autora salienta o restauro do Arco

³ Herculano e Pompeia são duas antigas cidades romanas na região da Campânia, Nápoles, que ficaram soterradas pelas cinzas resultantes da erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C. As escavações em Herculano tiveram início em 1710, financiadas pelo príncipe d’Elbeuf. Na altura, julgava-se que se tratava apenas de alguns fragmentos isolados de templos, vindo a descobrir-se em 1738 uma inscrição contendo a frase *Theatrum Herculanensem*, o que tornou possível a identificação da cidade. A partir de 1748 tiveram início as escavações em Pompeia (Wallace-Hadrill, 2011).

de Tito, cujas obras tiveram início em 1817, sob a direção de Stern, tendo Giuseppe Valadier assumido a liderança do projeto em 1819, onde trabalhou até 1821. Durante a primeira parte do projeto foram recuperadas muitas peças provenientes de escavações arqueológicas, que seriam mais tarde integradas na construção original, tendo recorrido à utilização de travertino, para os elementos em falta, um material diferente do original, que era o mármore (Neto, 2001, p. 26).

O restauro do Coliseu, iniciado em 1807, quando este monumento se encontrava então à beira do colapso, foi outra obra onde se utilizaram os princípios do restauro histórico. De iniciativa do Papa Pio VII, a obra prolongou-se até 1826 e visava reparar os danos provocados por séculos de depredação, os quais foram seriamente agravados pelo terramoto de 1806 (Choay, 1999).

Durante séculos o grande circo de Roma tinha servido de “pedreira”, pelo que nas obras de restauro foram consolidados os anéis exteriores, cujas estruturas de sustentação tinham sido seriamente danificadas pelo terramoto. Luso, Lourenço & Almeida (2004) referem que, apesar de se ter consolidado a estrutura para evitar que desmoronasse, as suas formas, incluindo as fendas e aberturas, foram preservadas para que o monumento pudesse manter o seu aspeto instável.

Segundo Neto (2005) os princípios do restauro arqueológico assentavam na consolidação dos monumentos, com base em rigorosas análises prévias para determinar qual teria sido o seu aspeto original. Na reabilitação dos monumentos utilizava-se elementos originais, preenchendo depois as lacunas por meio de reproduções simplificadas e facilmente distinguíveis. Estas reproduções não podiam ser nem muito semelhantes, para evitar a falsificação histórica, nem muito diferenciadas, para não perturbar a leitura estética do monumento. Trata-se, segundo este autor de uma conceção de restauro surpreendentemente atual.

2.2.2. O restauro estilístico

Na primeira metade do século XIX, em França, o primeiro Inspetor Geral dos Monumentos Históricos, o escritor e crítico de arte Ludovic Vitet (1802-1873) irá desenvolver uma intensa atividade em prol da preservação do património histórico (Luso, Lourenço & Almeida, 2004).

Segundo Neto (2001), as intervenções de restauro em monumentos efetuadas então recorriam à reconstrução das partes em falta, tendo como base o seu *estilo original*. Para que isso fosse possível era necessário fazer o levantamento arqueológico do edifício, pelo que o arquiteto que levasse a cabo essas intervenções teria de ter conhecimentos de história da arte. Só assim conseguiria, a partir de ruínas, fazer a reconstrução de modo a que o resultado final coincidissem com o que se pensava ser o aspeto original do monumento intervencionado.

Após a demissão de Vitet, do cargo de Inspetor Geral dos Monumentos, em 1834, o historiador e arqueólogo, Prosper Merimée, assume essa função, dando seguimento aos postulados do seu antecessor. Nos trinta anos seguintes, Merimée desenvolveu um notável esforço para conseguir chamar a atenção para a necessidade de preservação dos monumentos históricos (Neto, 2001, p. 39). Segundo Luso, Lourenço & Almeida (2004, p. 35), seria o intenso trabalho desenvolvido por estes dois Inspetores Gerais dos Monumentos Históricos que iria dar lugar ao chamado *restauro estilístico*, cuja teoria está indissociavelmente ligada ao nome de Viollet-le-Duc⁴.

Viollet-le-Duc acompanhou desde a sua infância os trabalhos de Vitet e Merimée e na segunda metade do século XIX, publicou diversas obras onde é abordada a temática da restauração, e onde são feitas diversas recomendações acerca da importância da manutenção técnica. São também desenvolvidas em pormenor diversas técnicas para realizar o levantamento das áreas a reabilitar e investigar a origem da deterioração do edifício a restaurar. Estes primeiros conceitos de “restauro estilístico”, como iriam ficar conhecidos os trabalhos de uma nova geração de arquitetos melhor preparados, representam uma resposta ao desastroso resultado dos primeiros restauros efetuados em França. Com efeito, sem regras

⁴ Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) foi um arquiteto, desenhador, escritor, crítico e historiador de arte arquitetónica, ligado à arquitetura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico. Foi ainda um excelente restaurador de edifícios da Idade Média, que influenciou as ideias ocidentais acerca do restauro no século XIX. Pode ser considerado como um precursor teórico da arquitetura moderna (Luso, Lourenço & Almeida, 2004: 35).

gerais que pudessem orientar as intervenções levada a cabo, com escassos conhecimentos e na ausência de arquitetos especializados em restauro, essas primeiras tentativas de reabilitação de edifícios tiveram resultados fatais não só em termos visuais e históricos, como daí advieram danos irreversíveis para a própria integridade física do património (Luso, Lourenço & Almeida, 2004).

A abordagem do arquiteto francês, algo radical, assentava na remoção de todos os acrescentos que fossem provenientes de outras épocas, de modo a preservar a coerência conceptual do edifício. Para tal afirmava que o arquiteto deveria colocar-se na pele do projetista da obra original para conseguir entender quais teriam sido as suas ideias para poder continuar a obra, sem acrescentar contributos pessoais, seguindo o seu estilo. Esse exercício poderia ser realizado através da análise documentos e desenhos, ou, caso não os pudesse obter, através da observação das regras de estilo e/ou os edifícios circundantes (Neto, 2001).

A teoria do restauro proposta por Viollet-le-Duc é de natureza projectual e não arqueológica: o conhecimento rigoroso da linguagem com que se exprime o valor do monumento estabelece os critérios analógicos que guiam o projecto de restauro. Para esse conhecimento recorre tanto aos fragmentos linguísticos do próprio monumento como a uma interpretação filológica da sua arquitectura. Trata-se, em suma, da utilização da História e da Arqueologia como fontes de referência directa, através do método comparado de estilos (Aguilar, 2005, p.41).

Viollet-le-Duc era um grande admirador do estilo gótico, que ele considerava como sendo o método mais racional de construir. Entre as suas obras, salientamos o *Dictionnaire Raisonée de l'Architecture*, uma obra monumental de dez volumes, publicada em Paris, entre 1854 e 1868, onde aborda algumas das suas teorias acerca do restauro, e onde afirma o seu desejo de, através da sua intervenção no restauro do mesmo, conseguir devolver ao edifício um “estado de plenitude que poderá não ter existido em nenhum momento” (Neto, 2001).

Na França e também em muitos outros países europeus, num tempo de nacionalismos exacerbados, o método estilístico de Viollet-le-Duc contribuiu para a reafirmação do Gótico, tornado como um estilo autóctone, um estilo nacional sem referência à ordem clássica de outros impérios (Aguilar, 2005, p.41).

Através de Viollet-le-Duc, a teoria restauracionista francesa, ou “intervencionista”, como certos autores a apelidam, propagou-se rapidamente através da Europa, tornando-se a doutrina de restauro oficial de diversos países europeus, ao longo da primeira metade do século XX, tendo sido utilizada na sequência das destruições massivas resultantes das duas Guerras Mundiais (Neto, 2001).

2.2.3. John Ruskin

Com semelhante protagonismo ao do alcançado por Viollet-le-Duc em França, surge em Inglaterra o romântico John Ruskin⁵, que irá ter um importante papel nas discussões que então se desenrolaram acerca da importância do restauro de monumentos históricos. A sua posição é totalmente antagónica à do arquiteto francês e a corrente de pensamento que defende é o “anti-intervencionismo”.

No seu ensaio de 1851, *The Seven Lamps of Architecture*, Ruskin critica os métodos de Viollet-le-Duc, desenvolvendo uma *teoria anti-restauracionista*. Para este crítico feroz, a arquitetura era uma “fonte histórica, que não pode ser tocada, sob o perigo de ser corrompida”, pois servia como uma ponte para o passado, ao definir uma identidade e perpetuar a memória, impedindo o esquecimento (Neto, 2001, p. 44).

Não nos deixemos enganar neste assunto tão importante. É *impossível*, tão impossível como ressuscitar os mortos, restaurar algo que já tenha sido grandioso ou belo em arquitetura. Que aquilo em que eu insisti acima como sendo a vida num todo, aquele espírito que só pode ser dado pela mão e pelo olho do artesão, não pode ser restituído nunca. Um outro espírito pode ser-lhe dado por outro tempo, mas será então um novo edifício [...] (Ruskin, 1849, p.161).

⁵ John Ruskin (1819-1900), foi um poeta, escritor, crítico de arte e sociólogo, com uma enorme paixão pelo desenho e pela música. Ruskin preconizava que o trabalho dos construtores e artífices era um valor a preservar. A tudo aquilo que era fruto das novas tecnologias, especialmente quando não era manufaturado, ele designava “mentiras arquitetónicas”, pois a produção industrial era considerada uma falsidade (Luso, Lourenço & Almeida, 2004: 37).

Para Ruskin, como vimos na citação acima, retirada da sua “*Lâmpada da Memória*”⁶ a restauração de um edifício roubava-lhe a sua identidade – a sua “alma” - adulterando-o, pelo que ele defendia a conservação preventiva em vez da restauração.

Ruskin defendia o trabalho dos construtores e artífices, considerando-o um valor a preservar. Para este teórico, tudo o que fosse produzido pelas novas tecnologias, especialmente o que não fosse manufaturado, eram “mentiras arquitetónicas”, pois considerava toda a produção industrial uma falsidade. De referir que Ruskin viveu durante a Revolução Industrial, tendo assistido ao desenvolvimento das indústrias que viriam a substituir a produção manual. Segundo Luso, Lourenço & Almeida (2004, p. 36), Ruskin foi, juntamente com o seu seguidor William Morris, um dos grandes impulsionadores do movimento Arts & Crafts⁷.

Apesar de antagónicas, ambas as teorias, quer as de Viollet-le-Duc que defendem um restauro que devolva ao edifício o seu estado estético original, quer as de Ruskin, que considera que a intervenção deve ser mínima - para não lhe roubar a “alma” – privilegiando antes a manutenção do edifício e valorização da ruína, contribuíram em larga medida para o desenvolvimento do restauro moderno.

2.2.4. O restauro filológico ou restauro moderno de Camillo Boito

O arquiteto italiano Camillo Boito⁸ irá reagir a estas teorias, ao defender que se deve preservar o valor histórico dos edifícios e só realizar qualquer intervenção se a mesma for absolutamente necessária. Apesar de se assemelhar à posição partilhada por Ruskin, Boito não

⁶ Uma das sete “lâmpadas da arquitetura”. Ver Ruskin (1849).

⁷ *Arts & Crafts* foi um movimento estético que surgiu em Inglaterra, durante a segunda metade do século XIX. Defendia a produção de artesanato criativo como alternativa à mecanização e à produção em massa, assim como o fim da distinção entre os conceitos de artesão e artista. Opôs-se aos avanços da indústria e pretendia imprimir em móveis e objetos o traço do artesão-artista, que mais tarde seria conhecido como *designer* (Triggs, 1902).

⁸ Nascido em Roma, Camillo Boito (1836-1914) desde cedo ficou a par da cultura europeia e das teorias francesas e inglesas que se desenrolavam na época. Estudou música e literatura, com o seu irmão Arrigo Boito, e frequentou o curso de Belas Artes em Veneza. Mais tarde foi professor de Arquitetura, nas Academias de Veneza e Brera, onde se empenhou na renovação do estudo da arquitetura, da arte do desenho e do restauro, dedicando-se também à prática do restauro de monumentos antigos, nomeadamente em Milão. Aprofunda os seus conhecimentos com viagens dentro de Itália e por toda a Europa, tornando-se admirador das obras de Viollet-le-Duc. Funda a revista *Arte Italiana Decorativa ed Industriale*. Autor de diversos ensaios e obras literárias, de onde se destaca a novela *Senso*, mais tarde objeto de adaptação cinematográfica. Boito foi arquiteto, engenheiro e historiador de arte e o pioneiro ideológico e do “restauro científico” que veio mais tarde a ser sistematizado por Gustavo Giovannoni. (Luso, Lourenço & Almeida, 2004, p. 38).

vai tão longe como o crítico inglês, que valoriza a ruína se esse for o destino do edifício. As suas teorias, que estiveram na base do restauro científico, contribuíram para que ele se tornasse no protagonista do movimento conservacionista italiano do final do século XIX.

O *restauro filológico* ou *restauro moderno* de Camillo Boito, reconhece a importância das ideias de Viollet-le-Duc, particularmente na reutilização como uma medida de preservação dos monumentos, mas não aceita a sua reconstrução hipotética, com base em referências estilísticas ausentes de provas físicas e documentais verosímeis.

O restauro não deve ser praticado senão *in extremis*, quando todos os outros meios de salvaguarda (manutenção, consolidação, reparações não expostas à vista) falharam. Então, o restauro revela-se como o complemento necessário e indispensável de uma conservação cujo próprio projecto não pode subsistir sem ele (Choay, 1999, p. 137).

O arquiteto italiano irá defender intervenções de nível intermédio que virão a servir de base às teorias atuais. No caso de ser necessário, a intervenção de restauro deverá ser diferenciada da obra original, opondo-se, por isso aos “restaus estilísticos” preconizados por Viollet-le-Duc, que segundo Boito, “falsificavam os monumentos (Luso, Lourenço & Almeida, 2004, p. 38).

As doutrinas de Boito foram particularmente relevantes para as resoluções que foram tomadas no *III Congresso de 1883*, que teve lugar em Roma, onde foram fixados os conceitos-base de uma moderna teoria do restauro e que constituíram, segundo Jokilehto (2002), a “primeira carta italiana do restauro” que esteve na génese da primeira legislação italiana sobre conservação do património.

Em 1893, Boito publicou uma versão revista dessa carta, resumindo-a em oito princípios fundamentais: 1) distinção entre o estilo original e o novo; 2) distinção entre os materiais utilizados; 3) supressão de elementos decorativos nos novos acrescentos; 4) exibição dos fragmentos antigos que tinham sido retirados, junto ao monumento restaurado; 5) inclusão de um sinal convencionado, para identificar os elementos novos onde se trabalhou; 6) elaboração de uma memória descritiva de toda a intervenção realizada no monumento; 7) elaboração de uma descrição, ilustrada com fotografias de todas as fases dos trabalhos de restauro, a ser exposta publicamente, ou eventualmente publicada; 8) assinalar a data da realização das intervenções no monumento numa epígrafe com a descrição das ações (Neto, 2001).

Boito dividiu também a arquitetura em três classes: antiga, medieval e moderna (a partir da Renascença), atribuindo valor arqueológico à primeira, aparência pitoresca à segunda e beleza arquitetônica à terceira. Segundo estes critérios, o objetivo do restauro e conservação focar-se-ia nas características de cada uma dessas classes, ou seja, o “restauro arqueológico” para os monumentos da Antiguidade, o “restauro pitoresco” para os medievais e o “restauro arquitetônico” para os monumentos renascentistas e barrocos (Jokilehto, 2002, p. 202).

2.2.5. O restauro histórico

No final do século XIX e início do século XX, toda uma nova geração de arquitetos irá seguir as teorias de Camillo Boito, na defesa da conservação e reparação, de modo a preservar o valor do monumento, reconhecido como documento histórico e artístico, cuja memória importa salvaguardar. Entre os seus seguidores conta-se Luca Beltrami⁹ com o *restauro histórico*¹⁰. Profundamente positivistas, as propostas de Beltrami defendiam que a reconstrução arquitetônica se deveria basear em métodos mais rigorosos e fidedignos que os critérios adotados pelo restauro estilístico (Jokilehto, 2002).

Para Jokilehto (2002), Beltrami foi o primeiro arquiteto do restauro moderno em Itália, tendo reconhecido a importância da documentação como base para qualquer intervenção, motivo pelo qual a sua abordagem ficou conhecida por *restauro histórico*. No entanto, apesar do rigor dos seus métodos, Beltrami nem sempre foi bem-sucedido, possivelmente por falta de experiência na interpretação dos dados históricos, ou até por insuficiência dos mesmos. Na prática, a diferença entre “restauro histórico” e “restauro estilístico” não é muito fácil de distinguir, pois essa diferença assenta essencialmente na ausência das inovações e analogias adotadas pelo restauro estilístico (Jokilehto, 2002, p. 205).

⁹Luca Beltrami (1845-1933), nasceu em Milão e afirmava-se arquiteto, restaurador, historiador e crítico de arte. Foi aluno de Boito, tendo posto em prática as suas teorias com alguns ajustes já que, ao contrário deste, Beltrami era um arquiteto praticante. Afirmava que a reconstrução devia ter como base desenhos, plantas e historiografia, de modo a que o restauro fosse o mais verdadeiro possível sem as inovações e analogias adotadas pelo restauro estilístico (Luso, Lourenço & Almeida, 2004, p. 38).

¹⁰ Por “restauro histórico”, teoria desenvolvida por Beltrami, entende-se a preservação do legado artístico do monumento e dos seus valores figurativos, como principal objectivo do restauro. Assim o restaurador deveria atuar reconstitutivamente, ou seja, restituir os elementos necessários repor a expressão artística essencial de cada monumento, enquanto obra de arte. Defendia também que ações de restauro, sobretudo as que implicavam reintegrações ou reconstruções, deviam basear-se em provas objetivas, em vestígios físicos ou documentais. (Aguiar, 2005, p.45).

2.2.6. O restauro científico

As ideias de Boito influenciariam mais tarde também Gustavo Giovannoni¹¹, arquiteto que marcou o restauro da primeira metade do século XX. Defensor da relação do monumento com o seu envolvimento, estendeu o conceito de monumento ao conjunto histórico. Giovannoni sistematizou os princípios do “restauro científico” e estendeu-os à natureza urbana dos monumentos e à conservação da cidade histórica. Foi considerado um dos mais importantes intervenientes da Conferência de Atenas de 1931, da qual surgiu o primeiro documento internacional publicado no sentido de considerar universais certas regras de proteção e salvaguarda de monumentos: a Carta de Atenas (Luso, Lourenço & Almeida, 2004, p. 38).

Gustavo Giovannoni é, juntamente com Ruskin e Sitte¹², um dos pioneiros da invenção e consolidação metodológica do conceito de “conservação do património urbano”. Por *Restauro Científico* entendeu uma nova metodologia de conservação que procurava garantir a sobrevivência da autenticidade dos monumentos enquanto documentos históricos e enquanto obras de arte, recusando a sua renovação de acordo com paradigmas arquitectónicos contemporâneos, por esta afectar drasticamente a salvaguarda desses valores. Nesse sentido, Giovannoni defendeu o princípio da *intervenção mínima*, contrapondo ao restauro a prática da consolidação estrita e a necessidade de uma manutenção regular, ou eventualmente extraordinária dos monumentos (Aguiar, 2005, p.50).

2.2.7. O restauro crítico

O restauro, para representar uma operação legítima, não deverá pressupor o tempo como reversível, nem a abolição da história (Brandi, 2005, p.14).

¹¹ Gustavo Giovannoni (1873 – 1947), nasceu em Roma e lecionou a cadeira de “Arquitetura Geral” na Faculdade de Engenharia dessa cidade, tendo-se especializado em urbanismo e no restauro de monumentos. Autor de diversos ensaios sobre arquitetura italiana e restauro, fundou em conjunto com Marcelo Piacentini, a revista *Architettura e ArtiDecorative*. (Luso, Lourenço & Almeida, 2004, p.38).

¹² Camillo Sitte (1843-1903) foi um arquiteto e historiador de arte austríaco, diretor da Escola Imperial e Real de Artes Industriais de Viena. A sua obra, intitulada *Der Städtebaunachseinemkünstlerischen Grundsätzen*, publicada, em 1889, forneceu à Alemanha e à Áustria os princípios para a criação de múltiplas extensões das cidades, como foi o caso de Munique, influenciando, igualmente, a Grã-Bretanha na realização das primeiras *garden-cities* (cidades-jardim). A sua influência estendeu-se, ainda, até aos finais dos anos 70 do século passado, quando os arquitetos e urbanistas da Europa e da América se inspiraram nos seus conceitos para planear espaços públicos e de convívio (Ribeiro, 2008, p. 32).

O *restauro crítico* surgiu na sequência de opiniões contrárias a estas práticas “apressadas” de restauro, mas que também já não aceitavam na sua totalidade as teorias de Boito e Giovannoni. Giulio Carlo Argan¹³, Renato Bonelli,¹⁴ Roberto Pane¹⁵ e Cesare Brandi¹⁶ foram os apóstolos de uma nova escola de pensamento que conduziu a formulação de uma nova carta internacional de restauro – a *Carta de Veneza*¹⁷ de 1964 – que ainda hoje vigora, e uma nova *Carta del Restauro Italiana*, em 1972 (Aguilar, 2005, p. 57).

A *Teoria del Restauro* de Brandi apresenta uma abordagem metodológica das intervenções de restauro, com base em métodos de análise crítica da obra de arte. Ao valorizar as suas características históricas e qualidades estéticas, esta intervenção assegura a transmissão da comunicação estética patente em cada obra. Para Brandi, os valores artísticos deveriam se sobrepor aos valores históricos.

O essencial da crítica de Brandi (e também de Pane) às anteriores teorias da conservação centrou-se na sobrevalorização dos aspectos históricos relativamente aos aspectos artísticos, presente, por exemplo, nas teorias de Giovannoni e nos documentos doutrinários da década de 30. Esse enfoque conduzia a práticas de natureza museológica ou arqueológica, das quais, segundo Brandi, resultava a incapacidade de comunicar os valores estéticos necessários à interpretação do monumento enquanto obra de arte, que era como que congelado na situação encontrada (Aguilar, 2005, p. 57).

Para Brandi, o restauro [crítico] obrigava à necessidade de ponderar criticamente os diversos valores presentes nos objetos, fossem eles históricos ou artísticos, para “*permitir o restabelecimento da unidade potencial da obra, sempre que seja possível, mas sem produzir*

¹³Giulio Carlo Argan (1909-1992) foi historiador, crítico de arte, político e docente. É sobretudo conhecido pelos seus estudos sobre arte medieval e renascentista. A importância da sua obra faz com que os seus livros sejam considerados como bibliografia fundamental dos cursos de História da Arte em todo o mundo.

¹⁴Renato Bonelli (1911-2004), foi um arquiteto italiano e professor de arquitetura na Universidade de Roma, autor de uma vasta obra sobre arquitetura e restauro.

¹⁵Roberto Pane (1897-1987), arquiteto italiano e professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Nápoles, foi um dos expoentes da escola do “restauro crítico”, e foi considerado como um perito em restauro arquitetónico pela UNESCO. Da sua vasta obra destaca-se *Città antiche ed iliziana nuova*.

¹⁶Cesare Brandi (1906-1988) foi o fundador do Instituto de Restauro de Roma, do qual foi diretor durante cerca de vinte anos. Para Brandi o restauro era um tipo de arte particular para cada caso, constituindo um ato criativo e crítico que não se podia generalizar com regras e normas (Luso, Lourenço & Almeida, 2004, p. 40)

¹⁷A Carta de Veneza viria a adaptar a legislação existente, assim como o modo de pensar das sociedades perante as necessidades estabelecidas pela arquitetura e urbanismo.

um falso histórico ou um falso artístico, e sem anular os traços da passagem da obra de arte pelo tempo” (Brandi citado por Aguiar, 2011, p. 220).

*“Il restauro costituisce il momento metodologico del riconoscimento dell’opera d’arte nella sua consistenza fisica e nella duplice polarità estetica e storica, in vista della sua trasmissione nel futuro”*¹⁸(Brandi, 2005, p. 14).

2.3. Documentação Internacional – Cartas e Convenções

Com o advento do século XX, começou a sentir-se a necessidade de estabelecer regras que fossem aceites internacionalmente para solucionar os complexos problemas colocados pela salvaguarda do património histórico e artístico. O estado da conservação em que se encontrava o património cultural e a necessidade de coordenar vários critérios de intervenção comuns e as suas posições, preocupava então toda a comunidade mundial.

Essas questões foram colocadas primeiramente em Paris, onde, em 1921, se realizou o Congresso Internacional de História e de Arte, seguindo-se Roma em 1930. No entanto, seria só em Atenas, em outubro de 1931, com a realização do 1º Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos, que se observaram finalmente resultados, que representaram um marco para as atividades de reabilitação e restauro (Luso, Lourenço & Almeida, 2004).

Com efeito, nesta conferência, que contou com a participação de vinte países europeus, foi discutida a longevidade dos monumentos históricos suscetíveis de ameaça externa. A conferência de Atenas representou um marco para as atividades de reabilitação e restauro, tendo influenciado o surgimento em diversos países europeus, de outras cartas de restauro, assim com legislação diversa sobre a atividade.

Um desses documentos, que reflete a repercussão da Carta de Atenas, foi a *Carta del Restauro Italiana*. Desenvolvida em 1931 por Giovannoni e aprovada pelo Concílio Superior pela Antiguidade e Belas Artes, introduziu em Itália os conceitos-base dessa normativa

¹⁸“O restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vista à sua transmissão para o futuro” [tradução do autor].

internacional, assim como toda uma nova visão teórica sobre a prática do restauro. Assim, o conceito de património foi ampliado para integrar não só as obras de artes, mas também as resultantes da ciência e da técnica, evidenciando uma clara preocupação com o ambiente urbano e a cidade histórica (Neto, 2001).

Dois anos depois, em 1933, o Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM)¹⁹, que também se realizou em Atenas, deu origem um documento – a célebre *Carta de Atenas* – que se constituiu como o primeiro ato normativo internacional unicamente dedicado ao património e refletindo sobre a problemática do restauro de monumentos. Pela primeira vez é introduzida a noção de “património internacional” (Choay, 1999).

As sequelas da Segunda Guerra Mundial, consubstanciadas num grau de destruição até então nunca visto, impuseram a necessidade de recuperação rápida das cidades europeias afetadas pelo conflito, com vista ao realojamento de milhões de pessoas e ao relançamento das suas economias. A urgência das atuações implicou que se utilizasse métodos mais expeditos de reconstrução de monumentos e de cidades históricas que tinham ficado completamente destruídas, com o consequente abandono de práticas de restauro anteriores à guerra (Luso, Lourenço & Almeida, 2004).

Mais de trinta anos após a *Carta de Atenas*, verifica-se a necessidade de proceder a uma atualização e alargamento de critérios a nível mundial, pelo que o Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, que teve lugar em Veneza em 1964, consagra um novo documento normativo internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios, a *Carta de Veneza*²⁰.

¹⁹ Tendo como tema a “cidade funcional” neste congresso procurou-se responder às questões colocadas pelos problemas urbanísticos originados pelo rápido crescimento das cidades, baseados nas quatro funções do urbanismo: habitar, trabalhar, recrear-se e circular. O evento foi dominado pela visão dos franceses, e em especial pelo criador do “funcionalismo” - LeCorbusier - que redigiu o documento final, fruto dessas discussões, que define praticamente o conceito de urbanismo moderno, traçando diretrizes e fórmulas que, segundo os seus autores, seriam aplicáveis internacionalmente. Entre as propostas de LeCorbusier, um dos mais famosos adeptos do modernismo urbano, destaca-se uma postura radical que defendia a demolição dos tecidos antigos da cidade evocando ideologias higienistas, que privilegiavam os espaços livres verdes e ganhos solares, que conduziram a uma suposta melhoria do estilo de vida dos habitantes. Sobre este evento, Françoise Choay escreve: “esse acontecimento foi a ocasião para levantar a questão das relações entre os monumentos antigos e a cidade e de desenvolver a esse propósito ideias e propostas opostas e, todavia, sob muitos pontos de vista, mais avançadas do que as da Carta” (Choay, 1999, p. 143).

²⁰ A Carta de Veneza viria a adaptar a legislação existente, assim como o modo de pensar das sociedades perante as necessidades estabelecidas pela arquitetura e urbanismo.

A implementação da *Carta de Atenas* de 1933, tinha tido como resultado uma grande movimentação no sentido de proceder à conservação do património, destacando o trabalho de diferentes organizações, como a UNESCO²¹ e o ICOMOS²² que veem a necessidade de aprofundar a matéria e de criar um plano internacional de conservação e restauração dos monumentos. Surgida num contexto que tem como pano de fundo uma Europa devastada pela guerra, a *Carta de Veneza* representa um ponto de viragem na história da conservação, uma vez que levanta uma visão muito mais ampla do património.

Assim, ao contrário da sua antecessora, cujos princípios se focavam apenas no monumento histórico, a *Carta de Veneza* propunha uma relativização dos valores do conjunto urbano, incluindo o património urbano no conceito do monumento a preservar. Essa definição vem explicita logo no art.º 1º.

O conceito de monumento histórico engloba não só as criações arquitectónicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo (Carta de Veneza de 1964, 1999, p. 106).

Pela *Carta de Veneza*, a nova arquitetura deveria ser um elemento de projeção da história do local para uma contemporaneidade. Na sua obra *A arquitetura da cidade*, Aldo Rossi²³ descreve a cidade como “[...] a memória colectiva dos povos”; assim e estando a memória ligada a factos e a lugares “a cidade é o „locus” da memória colectiva” (Rossi, 2001).

²¹A UNESCO, sigla que significa United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, foi fundada em 1946. Entre os seus objetivos conta-se a salvaguarda do património histórico, artístico e cultural e a promoções de atividades culturais que contribuam para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

²²O ICOMOS, acrónimo de International Council of Monument and Sites, é uma associação profissional, não-governamental, ligada à ONU através da UNESCO, e trabalha para a conservação e proteção do património cultural em todo o mundo. A instituição foi fundada em 1965, em Varsóvia, como resultado da assinatura da chamada “Carta de Veneza” no ano anterior, e oferece conselhos para a UNESCO no âmbito do Património Mundial da Humanidade.

²³Aldo Rossi (1931-1997) foi um arquiteto e teórico italiano, conhecido pela utilização de formas puras: cubos, esferas, etc. Da sua bibliografia destaca-se *A Arquitetura da Cidade* e *Autobiografia Científica*. Rossi sistematizou o termo “*genius loci*”, na *A Arquitetura da Cidade*, em relação às construções romanas pois os antigos romanos entendiam que um edifício só deveria ser construído num local que estivesse sob a proteção da divindade ou o espírito do lugar, o “*genius loci*” (Pangalos, 2008). Considerado como um poeta convertido em arquiteto, Rossi foi o primeiro italiano a ganhar o Prémio Pritzker, em 1990.

O intercâmbio de ideias interventivas, levaria à criação, em 1975, da *Carta Europeia do Património Arquitectónico* e a *Declaração de Amsterdão*, com o objetivo de reafirmar e consolidar a posição da Europa na salvaguarda do património. Sustentam-se as anteriores iniciativas e por outro lado ampliam-se e potencializam-se os critérios de conservação do património europeu. (Luso, Lourenço & Almeida, 2004).

A *Carta de Amsterdão* foca-se na criação uma nova política de proteção e conservação integrada, isto é, a proteção, o restauro e a reabilitação são entendidos como fatores essenciais para a sobrevivência do património edificado. O estabelecimento destas normativas requerem um conjunto de meios jurídicos, administrativos, financeiros e técnicos, que constituem as bases para a coordenação de esforços a nível europeu. À semelhança da *Carta de Veneza*, também aqui o conceito de património é logo definido no seu primeiro artigo:

O património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes, mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído (Carta de Amsterdão, 1975).

Em 1998, o Conselho Europeu de Urbanistas elaborou a *Nova Carta de Atenas*, que engloba algumas das reflexões e críticas acumuladas desde a Declaração de Amsterdão e que incorpora as principais regras de desenvolvimento sustentável, centrando-se nos habitantes da cidade e nas suas necessidades.

Em outubro de 2000 é organizada a Conferência Internacional “Cracóvia 2000”, onde os principais temas eram os trabalhos de Conservação do Património Cultural. Com o culminar dos trabalhos surge *Carta de Cracóvia*, subscrita por diversos países, incluindo os países de Leste da nova Europa. Este documento descreve um conjunto de conselhos sobre a conservação e o restauro do património edificado, realçando a importância da investigação e do respeito da criatividade cultural, e ainda a necessidade de cooperação ao nível da formação técnico-científica entre os Estados aderentes (Luso, Lourenço & Almeida, 2004, p. 42)

Neste documento, sobressaem, entre outros, a definição de alguns conceitos como:

- **Monumento:** “entidade identificada como portadora de valor e que constitui um suporte da memória. Nele, a memória reconhece aspetos relevantes relacionados com atos e pensamentos humanos, associados ao curso da história e, todavia, acessíveis a todos”;
- **Autenticidade:** “somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação atual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo”;
- **Identidade:** “referência colectiva englobando, quer os valores atuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado” (Carta de Cracóvia, 2000).

Ao longo dos anos a noção de património vai sofrendo alterações, estendendo-se nos dias de hoje a paisagens naturais com intervenção humana ou não, centros históricos e bairros típicos.

Capítulo III – A Reabilitação e o impacto urbano

3.1. A reabilitação em meio urbano

Atualmente chegámos ao ponto em que nos encontramos perante uma civilização global e ainda a fazer face a vários problemas em cada setor, nomeadamente: a expansão da população a nível mundial e a destruição de recursos naturais e do meio ambiente. Nunca como agora estivemos tão tecnologicamente bem equipados e ligados, com diversos sistemas de monitorização e recolha de informação em tempo real de temperaturas, variações de clima e nos cobertos vegetais, erosões dos solos e por fim concentrações químicas de

gases na atmosfera. Pode afirmar-se que os espaços urbanos ativos e vibrantes são componentes essenciais para uma cidade e para fomentar a identidade cívica. Torna-se cada vez mais necessário que se reflita em torno da valorização patrimonial.

São várias as cidades alvo de estudo nos seus diversos processos arquitetónicos de reabilitação. Vejamos, a necessidade de reabilitação urbana na zona leste de Londres deveu-se ao facto de 80% da população do Reino Unido viver em vilas e cidades (ou áreas urbanas).

Em Londres, foram criados programas de reabilitação da zona urbana na década de 80 (Corporações de Desenvolvimento Urbano e Zonas de Empreendimento - EZ). A ideia era reabilitar áreas urbanas através da construção de novos imóveis comerciais e residenciais ou reabilitar edifícios industriais, abandonados ou poluídos. Hoje o leste de Londres é uma área reabilitada com uma população crescente, sendo composta pelos bairros de Barking e Dagenham, Hackney, Havering, Newham, Redbridge, Tower Hamlets e Waltham Forest. A área total deste grupo de bairros é 318,64 km² e tinha em 2015 uma população total que rondava os 2 milhões de habitantes.

De facto, a transformação bem-sucedida de Plaine Saint-Denis tornou-se uma referência de como uma visão de desenvolvimento a longo prazo pode levar vantagem na organização de um grande evento como o Campeonato do Mundo de Futebol (1998).

O declínio na área industrial e área social desfavorecidas da década de 1990, levou a que nesta zona houvesse uma diversidade multifuncional e se tornasse num distrito urbano em que

milhares de pessoas trabalham, vivem, estudam ou se divertem. Este complexo processo de reabilitação, foi durante muito tempo apenas alimentado por investimentos públicos, sendo apoiado agora pelo setor privado (Lecroart, 2009).

Por fim, a reabilitação urbana em cidades que estiveram em guerra torna necessário que se ultrapassem conflitos, podendo o território ser suscetível de perder oportunidades para restabelecer conexões vitais da cidade e espaços que podem contribuir para uma cidade mais vibrante. O conflito deixa as cidades com o legado material da guerra e com as áreas de negligência urbana de longo prazo. Os esforços de reabilitação devem lidar com esses problemas, ainda que muitas vezes estejam mais focados na criação de uma imagem de uma cidade unificada ou cosmopolita. Em muitos casos, os projetos de reabilitação dirigidos por políticos e elites empresariais fazem pouco para resolver divisões subjacentes ou a necessidades das comunidades marginalizadas (Gwiazda & Pullan, 2011).

A reabilitação urbana pode ser uma forma de proporcionar um estilo de vida mais sustentável para as populações que, voltando a viver nos centros urbanos, poderão diminuir a sua dependência do automóvel e dos transportes públicos. Adicionalmente, ao melhorar o ambiente edificado e ao dinamizar as cidades, é possível captar mais turismo, o que pode, se devidamente regulado, representar um importante facto de desenvolvimento económico.

3.1.1. Impacto da reabilitação neste contexto

É essencial que se retenha a inaceitabilidade dos impactos sociais nos países mais pobres que acarretam os padrões de consumo atuais dos países mais desenvolvidos, pondo em causa a sustentabilidade dos primeiros, pois há o gasto de demasiados recursos que, por sua vez, provocam excessivas emissões poluentes. No entanto, da mesma forma, os países em desenvolvimento, possuem padrões de consumo insustentáveis pois além do seu próprio consumo ser insuficiente para satisfazer as necessidades básicas das populações e permitir liberdade de escolha, são em grande parte, vítima de exploração, facto que provoca efeitos consideravelmente nefastos como erosão dos terrenos e salinização (Hertwich & Katzmayer, 2004). É neste sentido que, ao falarmos de consumo sustentável, falamos também de uma equidade de distribuição, dispondo de orientações e objetivos claros, bem como de uma

estratégia de investimento que lhe conferiu exequibilidade e sustentabilidade, envolvendo os vários agentes do setor.

O processo de reabilitação, por si próprio, baseia-se num princípio de sustentabilidade, ou seja, reutiliza uma estrutura existente. A recuperação do edifício significa, na prática, que estes materiais não serão descartados como resíduos, pelo que a sua vida útil se mantém por muito mais tempo. Por outro lado, a reutilização de materiais antigos evita o consumo de materiais modernos, os quais são menos duráveis do que os que eram tradicionalmente utilizados na construção, em séculos anteriores. Além disso, a reabilitação de edifícios é um processo, que é frequentemente mais acessível do que a construção de edifícios novos, e que valoriza o ambiente urbano e cultural, potenciando o turismo e contribuindo para valorizar o património comum.

3.2. A reabilitação na Cultura – Exemplos e Projetos de Referência

Em seguida serão apresentados alguns exemplos de boas práticas e projetos de referência que poderão fornecer uma ferramenta para comparar o modo como diversas cidades tiveram o seu património cultural em consideração nos projetos de desenvolvimento urbano que levaram a cabo, com vista à salvaguarda do mesmo.

Os casos de estudo apresentados encontram-se divididos pelas diferentes tipologias de funções que as abordagens de reabilitação na cultura levaram em consideração.

3.3. Património monumental – Tournai (Bélgica)

Nas últimas décadas, a noção de património tornou-se mais diversificada, especialmente no que se refere à definição de categorias de património - vernáculo, industrial, baseado na memória, aborígene ou moderno, apenas para nomear os tipos de património cultural; assim como no que diz respeito à área ocupada por elementos e partes constituintes desse

património: rotas culturais, complexos urbanos, paisagens culturais; e também no que se refere aos seus usos, funções e reutilização

A função "monumento" - isto é, a função simbólica de um grupo social específico - não mudou em si mesma, mas é expressa por meio de objetos diferentes. A designação património monumental abrange os monumentos artísticos, pitorescos, culturais ou naturais que são atualmente considerados a incorporação de sistemas socioeconómicos complexos, graças às ciências sociais e abordagens estruturalistas (Tournoux, 2014).

No entanto, os edifícios ou complexos que hoje consideramos monumentos "clássicos" - em referência ao seu valor histórico e estético - continuam a ser elementos importantes da política patrimonial das cidades históricas.

O caso de estudo apresentado por Tournai diz respeito à revitalização de uma parte do centro histórico da cidade. No entanto, este projeto nasceu de um projeto de restauração de um monumento clássico: a Catedral de Nossa Senhora de Tournai (Imagem 1), uma estrutura composta por uma nave romana e coro gótico, e que se encontra classificada como Património Mundial.



IMAGEM 1 - VISTA DA CATEDRAL DE TOURNAI

Com efeito, o governo local apercebeu-se rapidamente do impacto direto que os trabalhos de restauração – que tiveram início logo no começo do século XXI - tinham nas imediações urbanas da catedral, tendo identificado então a necessidade de desenvolver um projeto de desenvolvimento urbano coerente na área circundante da estrutura que está a ser restaurada (Tournoux, 2014).

Assim, a conservação da catedral tornou-se o motor para o desenvolvimento de um projeto de regeneração urbana em que a preservação do património monumental - a catedral – tem um impacto sobre o meio ambiente. Este processo recria as ligações com o contexto urbano e sugere uma abordagem que integra diferentes serviços urbanos e as autoridades relevantes.

3.4. Espaço público – Lyon (França)

O espaço público pode ser entendido como o local onde se desenrolam todos os aspetos funcionais da cidade - tráfego, transporte, redes técnicas - e onde se desenvolvem as práticas de vida urbana, como o comércio, serviços, lazer, passeios, encontros, etc. Pode, portanto,

assumir muitas formas: ruas, avenidas, estacionamentos, praças, jardins, praças, margens de rios, espaços abertos, etc. O desenho do espaço público, há muito reduzido a uma abordagem essencialmente funcionalista, em detrimento da qualidade de vida urbana, responde hoje a muitas questões prementes. No entanto, ainda é necessário entender as suas funções, as suas formas e as suas estruturas. O espaço público é um espaço por direito próprio, e os seus usos e formas devem ser analisados de forma complementar entre si. Ter apenas em consideração a sua forma não é suficiente e pode levar a contradições nas operações funcionais da cidade.

O espaço público nos centros históricos é frequentemente um lugar em que a história e a identidade de uma cidade têm uma afirmação muito forte. É aí que se encontram habitualmente os exemplos de arquitetura monumental, a presença de instituições e serviços, empresas, locais de lazer e o núcleo das redes de transporte público. No entanto, o interesse dos grandes espaços públicos - locais de grande simplicidade - reside principalmente nos usos que o seu espaço pode ter e não no ambiente construído ao redor ou dentro deles. Um espaço público disfuncional ou negligenciado pode reduzir o valor de locais históricos classificados como Património Mundial (Tournoux, 2014).

A questão do espaço público está no centro do caso de estudo apresentado pela cidade de Lyon: o objetivo do projeto é devolver ao rio Saône e às suas margens, o papel de grande espaço público que historicamente sempre ocupou, dando-lhes, ao mesmo tempo, novas funções. Esta iniciativa faz parte de uma tendência geral que muitas cidades têm recentemente manifestado: a de se ligarem de novo aos rios e dar um novo valor aos espaços ribeirinhos.

O projeto de regeneração e renovação urbana de Lyon consistiu, em primeiro lugar, na reabilitação das margens do Saône, congestionadas pelo trânsito e pelo estacionamento de automóveis, com um passeio para peões e projetos de arte, que permitem novos usos para aquela paisagem urbana, que atualmente está separada da cidade e dos seus habitantes, tornando-a mais atraente (Tournoux, 2014).

O projeto também prevê usos recreativos nas margens e nos rios para atender às necessidades da vida urbana contemporânea: atividades de lazer urbanas e náuticas, atividades culturais, turismo local, entre outros (Imagem 2).



IMAGEM 2 - MARGENS DO RIO RHÔNE EM LYON

Para o governo local, esta operação é um meio de recuperar simbolicamente e fisicamente as margens dos rios e de devolvê-las à cidade, dando a estes importantes espaços uma identidade criativa que melhora a imagem da cidade e da área metropolitana. Este tipo de projeto é um exemplo de estratégias urbanas através das quais grandes áreas metropolitanas podem recuperar espaços negligenciados e contribuir para melhorar a qualidade de vida nas suas cidades.

3.5. Morfologia urbana – Vilnius (Lituânia)

A morfologia urbana refere-se à forma urbana e ao estudo dela. Centra-se nos processos que moldam e modificam a paisagem urbana como resultado das condições históricas, políticas e culturais – e arquitetónicas - nas quais a cidade foi criada e desenvolvida. A morfologia urbana é o produto de mudanças que podem ser espontâneas ou planeadas.

Desde o seu início na passagem do século XIX para o século XX, a abordagem morfológica das cidades tem sido associada ao estudo do património e à preocupação em preservar as

formas mais antigas de urbanismo. Na segunda metade do século XX, depois dos desenvolvimentos urbanos focados principalmente na modernização das cidades, as mudanças nos modos de transporte, construção e reconstrução de moradias em grande escala e o abandono dos centros históricos levaram muitos países a desenvolver experiências arrojadas e inovadoras, nos projetos destinados à recuperação de antigos centros urbanos. Com base em estudos urbanísticos, essas experiências procuraram identificar as qualidades e particularidades dos centros históricos, ao mesmo tempo em que os conciliavam com a política de uso e desenvolvimento urbano.

À semelhança do que aconteceu com muitas cidades classificadas como Património Mundial, Vilnius testemunhou recentemente a construção de várias torres perto do seu centro histórico, que não respeitavam a paisagem urbana nem a integridade visual do lugar (Tournoux, 2014).

Antes de 2005, não havia nenhum regulamento municipal estabelecido para regular a construção de edifícios de elevadas cotas, apesar das licenças de construção serem emitidas sob autoridade municipal. Desde então, a cidade de Vilnius decidiu criar várias ferramentas de planeamento e regulamentação com a participação de promotores imobiliários, especialistas urbanísticos e cidadãos. Entre o conjunto de ferramentas entretanto desenvolvidas está um banco de dados GIS 3D, que permite avaliar com segurança o impacto visual dos projetos de construção antes que eles sejam iniciados (veja a Imagem 3 abaixo).



IMAGEM 3 - AVALIAÇÃO 3D DO IMPACTO VISUAL DE UMA TORRE PERTO DO CENTRO HISTÓRICO DE VILNIUS (LITUÂNIA)

A altura de construção e a gestão de restrições de altura e tamanho são problemas recorrentes. Relacionados com eles estão questões de gestão do uso do solo, densidade autorizada, as funções dos diferentes distritos, gestão e custo da propriedade, e os meios financeiros e ferramentas disponíveis para o setor da construção. A gestão do centro urbano pressupõe uma abordagem ampla e intersetorial ao seu território e o envolvimento de atores económicos de vários níveis, deste o investidor local às grandes empresas de financiamento internacional. Esta prática vai muito além da simples abordagem tradicional de conservação do património (Tournoux, 2014).

3.6. Habitação – Lima (Peru)

O *habitat*, ou a parte do edificado dedicado à habitação, é geralmente o principal objetivo funcional das cidades, esteja ou não associado a outros usos. A maioria dos estudos de caso aborda a questão da habitação, uma vez que os projetos de recuperação estão localizados em cidades ou distritos históricos que contêm áreas residenciais. O *habitat* assume, assim, várias formas, estruturas internas e modos de uso em diferentes regiões do mundo, mas existem problemas comuns entre eles.

Existem bairros e cidades históricas considerados como Património Mundial que integram habitações prontas a serem habitadas e usadas. Manter a diversidade das populações existentes é, portanto, essencial para proteger a sua autenticidade e integridade, assim como para lutar contra a deterioração do ambiente construído e a desertificação que afeta muitos centros históricos da cidade. É, portanto, necessário intervir fisicamente no património privado construído para preservar e desenvolver a habitabilidade desses locais.

Ao longo da segunda metade do século XX, Lima testemunhou a deterioração do centro da cidade. Negligenciada e abandonada pela classe média, esta parte da cidade encontra-se atualmente habitada por famílias pobres. As suas habitações estão num estado tão deteriorado, que se encontram a ponto de representar riscos substanciais para a segurança dos seus habitantes (Tournoux, 2014).



IMAGEM 4 – CASA DE LAS COLUMNAS (LIMA, PERU)

Tendo em vista esta preocupante realidade, uma ONG de serviço social decidiu transformar o projeto *Casa de las Columnas* (Figura 4) num exemplo de como manter e melhorar a habitação no centro de Lima.



IMAGEM 5 - CASA DE LAS COLUMNAS (LIMA, PERU) DURANTE O RESTAURO

As 53 famílias que moravam no prédio participaram diretamente na restauração do edifício e conservaram as suas casas no mesmo (Tournoux, 2014).

O objetivo deste projeto exemplar é mostrar como é possível regenerar o núcleo histórico como um “centro vivo”. Os projetos de revitalização pública que aplicam as lições do projeto *Casas de las Columnas* também devem ser encorajados.



IMAGEM 6 - PORTA DE ENTRADA DO CLAUSTRO DA CASA DE LAS COLUMNAS (LIMA, PERU),
DEPOIS DE RESTAURADA

3.7. Diversidade Socioeconómica – Cuenca (Equador)

Na década de 1960, os pioneiros dos projetos urbanísticos consideraram a diversidade funcional das cidades como um princípio do urbanismo em resposta às grandes transformações urbanas daquela época.

Atualmente, na Europa Ocidental, os governos locais já tentam desenvolver o seu território com áreas funcionais distintas; em vez disso, eles tentam maximizar a presença de todas as funções necessárias para a vida da cidade - habitação, comércio e instalações culturais, de lazer ou administrativas - dentro da mesma área. Também se presta cada vez mais atenção à

diversidade social, o que significa encorajar pessoas de diferentes categorias sociais a habitarem o mesmo território, vizinhança ou habitação.

A reestruturação urbana da Rua Rafael María Arízaga é parte do plano de renovação do centro histórico da cidade de Cuenca. Ao contrário de certos bairros periféricos da cidade, a Rua Rafael María Arízaga está bem equipada em termos de infraestruturas e serviços. No entanto, há uma perceção negativa do património entre os investidores e cidadãos, e a cidade decidiu, portanto, estabelecer incentivos políticos para incentivar a restauração e a reabilitação de edifícios residenciais por empreendedores privados e empreendimentos conjuntos público-privados (Tournoux, 2014).

Para evitar o risco de gentrificação, a cidade também instituiu uma política de apoio à gestão e conservação de edifícios de classe patrimonial e à manutenção de sua função social. Também incentivou a promoção da conservação de habitats por meio de políticas socioeconómicas.



IMAGEM 7 – CUENCA (ECUADOR)- CENTRO HISTÓRICO

O centro histórico de Cuenca (Imagem 7) possui uma estrutura morfológica homogênea que favorece o controle do uso do solo e o teste de práticas não poluentes e de mobilidade reduzida. A recuperação de espaços públicos, o incentivo ao uso de bicicletas, a criação de

percursos para peões em determinadas zonas e a implementação de atividades que contribuem para o bem-estar em espaços públicos também ajudaram a manter a diversidade social das ruas (Tournoux, 2014).

3.8. Mobilidade – Estrasburgo (França)

A gestão bem-sucedida dos transportes e da mobilidade é uma questão prioritária para a gestão de cidades históricas em desenvolvimento. O crescimento demográfico, a atratividade económica e o desenvolvimento económico explicam as principais mudanças que estão a ocorrer nesse domínio.

A segunda metade do século XX foi marcada pela hegemonia das políticas de desenvolvimento que favoreceram o automóvel em detrimento do transporte público e da qualidade do espaço público urbano. No entanto, à luz da degradação ambiental dos centros das cidades, da expansão urbana e do aumento do custo da gasolina, estão a surgir novas formas de mobilidade, que estão progressivamente a levar os governos locais e os utilizadores a romper com o uso do automóvel, o modo de transporte dominante. A redensificação urbana é favorável à utilização de transportes públicos e há incentivos para desenvolver meios de transporte multimodais.

Nos últimos anos, as cidades classificadas como Património Mundial testemunharam uma renovação dos transportes públicos e um aumento no número de utilizadores, o retorno do ciclismo urbano, a proliferação de áreas para peões e um declínio acentuado no uso de automóveis. A mobilidade não é apenas uma questão de transporte. Como a habitação, também é um direito. Ser incapaz de ir de um lugar para outro ou falta de acesso a um meio de transporte são fatores que promovem a exclusão social. Os locais classificados como Património Mundial Urbano são locais onde há um movimento contínuo, de intensidade variável. Cada utilizador pode, portanto, reivindicar seu direito de se movimentar de forma prática, económica e ecologicamente correta. Nas cidades históricas, com grande circulação de turistas é necessário gerir essas movimentações de forma adequada e sustentável, de modo a que a imensa afluência de visitantes não constitua uma ameaça para a preservação do

próprio património que dá valor a esses locais, pelo que cada vez mais se torna indispensável procurar soluções de locomoção suaves ou sustentáveis (Tournoux, 2014).

No final da década de 1980, o centro histórico de Estrasburgo era caracterizado por um fluxo contínuo de carros e estacionamento automóvel, que paralisou o tráfego no centro da Grande Île, um lugar classificado como Património Mundial. Além dos problemas de acessibilidade, o tráfego descontrolado causava poluição atmosférica e sonora, que eram em parte responsáveis pela diminuição da atratividade económica do centro e pela deterioração da qualidade de vida dos seus habitantes.

A comunidade urbana de Estrasburgo decidiu então repensar completamente a mobilidade no seu centro, a fim de incentivar novos comportamentos sustentáveis. Depois de inicialmente terem planeado a construção de um metropolitano para atravessar o centro da cidade, as autoridades locais optaram, finalmente, na década de 1990 por criar um elétrico. Nos anos 2000, a adoção de um Plano de Transporte Urbano levou à revitalização do centro da cidade e ao desenvolvimento de comunicações entre bairros periféricos e o centro, que reforçaram a rede de transportes públicos da cidade (Tournoux, 2014).



IMAGEM 8 - O CENTRO URBANO DE ESTRASBURGO (FRANÇA) E O SEU ELÉTRICO

Hoje, o elétrico (Imagem 8) é um sucesso notável, o número de automóveis que entram no centro todos os dias diminuiu notavelmente, os peões e ciclistas recuperaram o espaço público e o centro da cidade tornou-se acessível a todos.

A Grande Île tornou-se num lugar para experimentar novas políticas de transporte, demonstrando como um lugar classificado como Património Mundial pode estar totalmente ancorado no seu tempo e também desempenhar um papel de liderança entre as áreas periféricas em questões de política urbana.

Capítulo IV – Caso de Estudo - Residências de Estudantes

Existem registos acerca da existência de residências de estudantes que remontam até ao século XIV. Longe do carácter atual das modernas repúblicas universitárias, estes edifícios providenciavam alojamento aos estudantes mais carenciados. A tipologia destas residências foi se alterando com o passar dos séculos, acompanhando as transformações sociais e culturais dos meios em que se encontravam inseridas (Blimling & Miltenberger, 1984).

Nos primórdios das residências estudantis, eram os próprios estudantes quem detinha o controlo total sobre as mesmas. No entanto, ao longo do tempo as universidades começaram a assumir a gestão dos edifícios destinados a alojar estudantes, integrados na experiência do ensino superior. Oxford e Cambridge, constituem uma exceção a esta tendência, onde as residências se mantiveram sempre como parte totalmente integrante e característica de toda a vida universitária. Esta prática mantém-se também nas antigas colónias do Reino Unido, como é o caso dos Estados Unidos da América (Blimling & Miltenberger, 1984).

De referir que as primeiras residências estudantis não tinham em consideração critérios de qualidade espacial, sobretudo no que respeita à privacidade, possuindo dormitórios, como, por exemplos, os das universidades alemãs do século XV, que chegavam a albergar cerca de 200 estudantes (Blimling & Miltenberger, 1984).

4.1. Requisitos de qualidade espacial

Uma residência estudantil com ótimas condições de adaptabilidade e acessibilidade, que atraia atividades sociais que ultrapassem a necessidade básica de dormir, possui uma grande capacidade agregadora capaz de contribuir para uma experiência de ensino superior mais enriquecedora a nível pessoal e de conhecimentos. No entanto, a arquitetura destas residências tem que levar em consideração algumas conformações espaciais, salientados pela bibliografia especializada, nomeadamente à relação entre espaço social e privado.

Segundo Hall (1966) o espaço pessoal é muito importante na medida em que:

[...] as pessoas podem sentir-se constrangidas nos espaços em que têm de viver e trabalhar. Podem inclusivamente sentir-se forçadas a ter comportamentos, relações ou desabafos emocionais demasiado stressantes. Tal como a gravidade, a influência de dois corpos um sobre o outro é inversamente proporcional não apenas ao quadrado da distância, mas possivelmente até ao cubo da distância entre eles. Quando o stress aumenta, a sensibilidade às aglomerações aumenta – as pessoas ficam mais no limite – de tal forma que quanto mais espaço é necessário, menos se encontra disponível (1966, p. 129).

Cabe, pois, ao arquiteto, planejar a distribuição do espaço de modo a poder respeitar a necessidade de privacidade dos ocupantes da residência, projetando espaços sociais, destinados a momentos de descontração coletiva, completamente separados dos espaços de solidão, de privacidade. Assim, os alunos que não pretendam participar em atividades sociais podem isolar-se e desfrutar de momentos de descanso ou de estudo, sem que a sua privacidade seja invadida pelo ruído potencial proveniente do convívio dos seus colegas.

Assim, o dimensionamento espacial segue uma lógica de rentabilização do espaço, a fim de poupar recursos económicos. A maximização do número de camas é uma das soluções mais adotadas, pelo que o próprio edifício requer o planeamento muito cuidadoso de várias soluções, tendo em vista rentabilizar o espaço de dormida para os estudantes, nomeadamente com a utilização de configurações modulares na conceção dos quartos.

A análise que faremos a seguir irá basear-se nas respostas que foram dadas pelos arquitetos, nos projetos dos diferentes casos de estudo, a quatro solicitações fundamentais: o carácter institucional, o potencial de sociabilidade e o espaço envolvente.

4.2. Carácter institucional

As residências para estudantes encontram-se habitualmente vinculadas a uma instituição, geralmente a universidade que esses estudantes frequentam, pelo que a sua organização espacial acaba por seguir o mesmo padrão de estrutura arquitetónica dos restantes edifícios que compõe essa instituição. Assim, pese embora se destinem a uso habitacional, é possível que mantenham os mesmos elementos construtivos que foram utilizados nos edifícios não

residenciais dessa instituição. Segundo Thomsem (2007) o qual efetuou pesquisas junto utilizadores de duas residências universitárias na Noruega, o termo institucional tem conotações negativas, pelo que é importante procurar soluções projetuais que “suavizem” o carácter institucional dos edifícios residenciais estudantis.

Algumas dessas soluções podem passar pela utilização da cor no mobiliário e paredes, pelo aspeto exterior do edifício, pelas formas de acessos e circulações, pela personalização dos dormitórios e das áreas comuns, entre outros (Thomsen, 2007).

A aparência física dos edifícios residenciais, associada à habitual ambientação monocromática dos edifícios institucionais é uma das queixas recorrentes, pois torna todos os ambientes iguais (Thomsen, 2007). Para solucionar esse problema os arquitetos de Machado & Silvetti, que projetaram o Hassayampa Academic Village, na Universidade Estadual do Arizona, EUA, adotaram uma estratégia cromática, revestindo as áreas comuns com materiais em tonalidades contrastantes e para lhe dar um ambiente menos institucional utilizaram mobiliário semelhante ao que se pode encontrar em habitações privadas.



IMAGEM 9 - HASSAYAMPA ACADEMIC VILLAGE (TEMPE, EUA).

O aspeto exterior dos edifícios é outro fator associado ao carácter institucional, habitualmente monótono e repetitivo (Thomsen, 2007). O projeto elaborado pelos arquitetos ingleses MPJ Architects para a Jowett Walk, uma residência de estudantes do Balliol College de Oxford, apresenta fachadas criteriosamente desenhadas e um arranjo diversificado que minimiza a formalidade impessoal dos ambientes institucionais e resulta numa composição formal exterior muito distante das soluções frequentemente observadas nos seculares alojamentos ingleses.



IMAGEM 10 - JOWETT WALK (OXFORD, REINO UNIDO) VISTA EXTERNA.

As configurações espaciais dos acessos e os corredores de circulação são outros fatores que os estudantes associam ao carácter institucional, pois são habitualmente frios e impessoais. Thomsem (2007) destaca uma proposta que os alunos consideraram satisfatória. Trata-se do Mosvangen Student Residences, na Noruega, projetado pelos noruegueses Helen & Hard, a partir de um antigo albergue da juventude que foi convertido numa residência. O edifício conta com dezanove dormitórios, cujo acesso é feito por uma circulação central.



IMAGEM 11- MOSVANGEN STUDENT RESIDENCES (NORUEGA) CIRCULAÇÃO CENTRAL

A escolha cromática das paredes com várias tonalidades, a escolha de materiais recicláveis para os peitoris e as lanternas com luminárias tornam estes acessos originais e estimulantes.



IMAGEM 12 - MOSVANGEN STUDENT RESIDENCES (NORUEGA)

A personalização dos dormitórios é outro fator que pode contribuir para tornar as residências estudantis mais atrativas. No entanto a colocação de prateleiras ou quadros nas paredes pode se tornar desagradável para o próximo utilizador, além de que facilita a degradação das paredes. Por isso uma solução que possibilite facilmente a reconversão desse espaço ao estado inicial seria a melhor estratégia a aplicar para essas situações (Thomsen, 2007). Um exemplo desse tipo de soluções foi utilizado no Kendrew Quadrangle, uma residência do St John's College, cujo projeto contemplava a instalação de quadros negros nas duas paredes laterais do dormitório, que podiam ser utilizadas como quadro de recados, mural de fotografias ou outros usos semelhantes para personalizar o ambiente. Esta solução tem a vantagem que, após a desocupação do dormitório, todos os objetos podem ser facilmente removidos sem necessidade de proceder a reparações.

Nas imagens 13 e 14, abaixo, é possível ver um exemplo de um dormitório desocupado e ao lado um ambiente personalizado.



IMAGEM 13- KENDREW QUADRANGLE (OXFORD, REINO UNIDO) – DORMITÓRIO DESOCUPADO.



IMAGEM 14 - KENDREW QUADRANGLE (OXFORD, REINO UNIDO) – DORMITÓRIO
PERSONALIZADO

4.3. Potencial de sociabilidade

Um dos fatores mais importante a ter em consideração quando se projeta uma residência de estudantes é o seu potencial de sociabilidade. Este é um espaço onde coexistem estudantes vindos de diversos pontos geográficos e que pertencem às mais variadas áreas de conhecimento, pelo que o espaço deve ser projetado de modo a fomentar um sentido de comunidade.



IMAGEM 15 - KENDREW QUADRANGLE (OXFORD, REINO UNIDO) – SALA DE CONVÍVIO

Nas residências estudantis os espaços comuns são, em norma, pouco apelativos e estimulantes. Segundo Sommer (1973) o arquiteto deve recorrer a estratégias projetuais que propiciem o encontro entre os estudantes e que facilitem a comunicação através de um ambiente que estabeleça proximidade.



IMAGEM 16 - KENDREW QUADRANGLE (OXFORD, REINO UNIDO) – SALA DE ESTUDO

4.4. Espaço envolvente

As residências de estudantes, dado a sua proximidade dos campus universitários, onde habitualmente se situam para facilitar o acesso às aulas, encontram-se frequentemente implantadas longe dos centros urbanos, facto que, se for aliado a um deficiente serviço de transportes públicos nos fins de semana, pode contribuir para o sentimento de isolamento destes estudantes (Thomsen, 2007).

Assim, importa que os espaços próximos dos alojamentos universitários disponham de equipamentos de qualidade equivalentes a qualquer outro núcleo residencial urbano. Assim, ao definir a localização onde estas residências serão implantadas deve ser tido em consideração o desenho dos acessos e dos espaços limítrofes, a articulação com a vizinhança, a existência de pequenos comércio nas proximidades e a diversificação da paisagem circundante (Sommer, 1973)

O desenho dos acessos e a sua conformação espacial, assim como os espaços limítrofes das

residências universitárias devem ser criteriosamente configurados. Nessa medida, a arquitetura deveria tirar partido das predisposições ambientais e projetar o espaço imediatamente circundante de modo que ele possa ser qualitativamente percebido e não apenas como espaço residual.



IMAGEM 17 – COURTYARD TOWNHOUSES (OAKLAND, EUA) IMPLANTAÇÃO E PÁTIO CENTRAL

Um exemplo elucidativo de boas práticas é o projeto elaborado pelos arquitetos da Pyatok Architects para a residência universitária Courtyard Townhouses, no campus do Mills College em Oakland, Califórnia. A residência é constituída por três edifícios articulados por uma alameda central onde se situa uma pequena praça (Imagem 17). Nota-se claramente a intenção do arquiteto em delimitar trajetos e oferecer pequenas áreas de convívio durante o percurso rua-dormitório, quer pela rígida delimitação das áreas ajardinadas quer pelos bancos localizados nos alpendres de entrada dos edifícios ou na pequena praça central (Thomsen, 2007).

A existência de pequenos comércios nas imediações das residências estudantis para além de

permitir o fácil acesso a produtos e serviços necessários no cotidiano dos estudantes, faz com que as porções territoriais próximas a estes edifícios potencializem a utilização das ruas e pode também atuar como locais alternativos de convívio entre os moradores. Além disso, a presença de lojas, bares e restaurantes próximos das áreas residenciais possibilita que haja alguma atividade noturna, que aumenta a segurança dos espaços públicos, inibindo os atos de vandalismo.

Capítulo V – Proposta projetual

Neste capítulo propomo-nos apresentar um projeto destinado à construção de uma residência de estudantes internacionais na cidade de Aleppo. É nossa intenção que a proposta projetual ora apresentada possa de algum modo contribuir para dinamizar o espaço público desta cidade tão martirizada pela guerra, assim como ajudar a combater a descaracterização social a que Aleppo tem vindo a assistir.

5.1. Enquadramento Histórico, Físico e Humano

A idade exata de Aleppo é desconhecida, embora se pense que esteja entre as cidades mais antigas continuamente habitadas do mundo. Localizada no Crescente Fértil, acredita-se que os primeiros colonos construíram casas na colina que se encontra no centro da cidade moderna, aproveitando as vantagens defensivas naturais da região, terras agrícolas férteis e a proximidade de uma fonte de água, o rio Quwayq. No entanto, a ocupação contínua do local até os dias atuais dificultou a busca por evidências arqueológicas que nos contem a história mais antiga deste lugar (Encyclopaedia Britannica, 2018).

O nome árabe da cidade - Ḥalab - é de origem semítica. É mencionado pela primeira vez nos arquivos da antiga cidade de Ebla no final do terceiro milénio a.C. como sendo a localização de um importante templo dedicado ao deus da tempestade do Oriente Próximo: Hadad. No final do século XX, uma equipa de arqueólogos descobriu as ruínas deste templo soterradas no local da cidadela medieval de Aleppo, no topo da colina no centro da cidade. As partes mais antigas do templo datam do terceiro milénio a.C., e o edifício foi reconstruído várias vezes nos milénios seguintes. A espessura das ruínas das suas paredes indica que o templo era constituído por uma torre alta que seria visível a longas distâncias (EB, 2018).

No século XVIII a.C., Ḥalab era a capital do reino amorita de Yamkhad. Subsequentemente, a cidade caiu sob o domínio hitita, egípcio e mitaniano, regressando para os hititas durante o século XVII a.C., sob cujo domínio permaneceu até ao século XIV a.C. Nos séculos seguintes, alcançou alguma independência como principado hitita. Foi conquistada pelos assírios no século VII a.C. e, em seguida, foi controlada pelos persas aqueménidas do século

VI ao IV a.C.. A escassez de registos históricos respeitantes a Ḥalab durante os períodos do domínio assírio e persa sugere que a cidade possa ter decaído em importância. No início do século III a.C., a cidade caiu nas mãos dos seljúcidas, que fundaram uma colónia macedónica no local a que denominaram Beréia, em homenagem à antiga cidade macedónica que pode ter sido a cidade natal de muitos dos seus colonizadores. Beréia tornou-se uma importante cidade do período helenístico e um grande entreposto comercial entre a região do Mediterrâneo e as terras mais a leste. A cidade foi absorvida pela província romana da Síria no século I a.C. É provável que o assentamento judaico na área tenha começado durante este período, altura em que se estabeleceu também uma comunidade cristã. Beréia prosperou como centro para o tráfego de caravanas sob o domínio bizantino, mas foi saqueada e queimada pelo rei persa Khosrow I em 540 d.C (EB, 2018).



IMAGEM 18 - CIDADE DE ALEPPO, COM A CIDADELA MEDIEVAL AO CENTRO

Em 637, a cidade foi conquistada pelos árabes, sob os quais reverteu ao seu antigo nome, Ḥalab. No século X, a dinastia Hamdanita estabeleceu-se em Aleppo como um principado independente. A cidade teve uma brilhante vida cultural sob seu domínio: a corte de Sayf al-

Dawlah, que foi o fundador da dinastia em Aleppo, incluía figuras como o poeta al-Mutanabbī e o filósofo al-Fārābī.

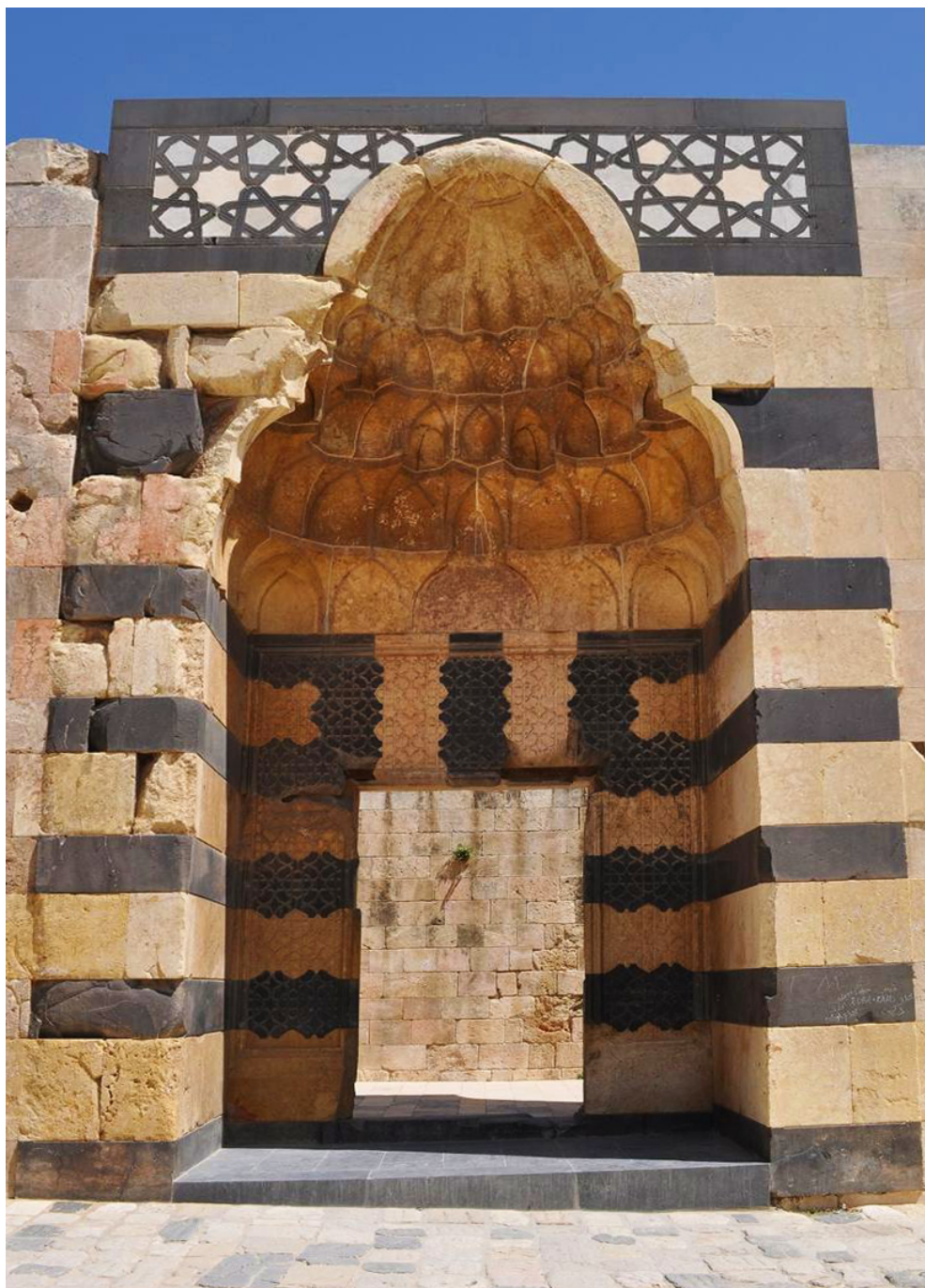


IMAGEM 19 - PORTÃO DA CIDADELA MEDIEVAL DE ALEPPO

Em 962, a cidade foi sitiada e saqueada pelo exército bizantino de Nicéforo II Focas. Seguiu-se um período de guerra e desordem, alimentado pelas lutas locais pelo poder e pelos esforços bizantinos, fantim e seljúcidas de obter o controle do norte da Síria (EB, 2018).

No século XII, Aleppo tornou-se um centro de resistência muçulmana aos cruzados, que a sitiaram sem sucesso em 1124-25. A ameaça dos cruzados foi repelida por 'Id al-Dīn Zangī, que assumiu o controle de Aleppo em 1129, e por seu filho Nūr al-Dīn. Após a morte de Nūr al-Dīn, a cidade passou para o controle da dinastia Aiúbida fundada por Saladino (Ṣalāḥ al-Dīn). Sob os governantes aiúbidas, Aleppo experimentou um período de prosperidade excepcional. Foram estabelecidos tratados comerciais com os venezianos, restaurando assim o papel de Aleppo como um importante entreposto para o comércio entre a Europa e a Ásia. A cidadela foi reconstruída e os mercados e subúrbios da cidade foram ampliados. Os governantes aiúbidas também construíram uma série de madraças²⁴ para promover o restabelecimento do sunismo em Aleppo, que se tinha tornado uma fortaleza xiita sob o domínio dos hamdanitas (EB, 2018).

²⁴ Escola religiosa muçulmana, onde se estuda o Alcorão.



IMAGEM 20 - TETO RESTAURADO DA SALA DO TRONO NA CIDADELA DE ALEPPO, CONSTRUÍDA DURANTE O DOMÍNIO MAMELUCO

O governo aiúbida teve um final abrupto em 1260, quando Aleppo foi tomada pelos mongóis, que massacraram os seus habitantes. Os mongóis seriam depois expulsos da Síria pelos mamelucos do Egito, mas a cidade continuou sofrendo, sofrendo um surto de peste em 1348 e um devastador ataque de Timur em 1400. No século XV assistiu-se a um ressurgimento do seu papel comercial, o qual foi possível graças ao declínio das rotas comerciais do norte da Síria, através da Anatólia e do Mar Negro (EB, 2018).



IMAGEM 21– O IMPÉRIO OTOMANO NA SUA MAIOR EXTENSÃO

Em 1516, a cidade foi incorporada ao Império Otomano e tornando-se na capital de uma província que compreende o Norte da Síria e partes do Sul da Anatólia. O renascimento comercial prosseguiu, estimulando a reconstrução e a expansão do *souk*²⁵ de Aleppo e a construção de novos *khans*²⁶. As principais importações da cidade incluíam seda persa e pimenta indiana. Nos séculos XVI e XVII, Aleppo foi a terceira maior cidade do Império Otomano, depois de Constantinopla (atual Istambul) e Cairo, e abrigou consulados e escritórios comerciais de Veneza, Inglaterra, Holanda e França. A presença de uma grande comunidade mercantil europeia foi especialmente proveitosa para os cristãos em Aleppo, que serviam como agentes comerciais e tradutores (EB, 2018).

A prosperidade continuou até meados do século XVIII, quando o comércio declinou por causa de uma queda na produção de seda persa que acompanhou o colapso da dinastia Şafávida. O desenvolvimento do transporte marítimo também transferiu muito tráfego comercial

²⁵ Mercado.

²⁶ Hospedarias para comerciantes ambulantes.

internacional para as cidades costeiras do Mediterrâneo, em detrimento dos centros de caravanas no interior, como Aleppo. O final do século XVIII viu um enfraquecimento do controle do governo otomano em Aleppo e um aumento correspondente no conflito entre facções e associações comerciais poderosas. Em 1850, as reformas otomanas provocaram tumultos e protestos acompanhados de violência e saques dirigidos, sobretudo, contra a comunidade cristã de Aleppo. O controle otomano, no entanto, foi logo restaurado (EB, 2018).

Os limites da moderna Síria, desenhados pelo Reino Unido e pela França no final da Primeira Guerra Mundial, tiveram o efeito de separar Aleppo de territórios que haviam sido essenciais para sua função como centro de comércio internacional, incluindo o Iraque e o sudeste da Turquia, especialmente a cidade portuária de İskenderun. No entanto, o setor manufatureiro de Aleppo continuou a desenvolver-se e a cidade tornou-se num centro industrial que rivalizava com Damasco. A cidade experimentou uma enorme expansão populacional no século XX causada pela migração das áreas rurais, tendo sido construídos grandes empreendimentos residenciais para acompanhar a demanda por habitação (EB, 2018).

A ascensão, em meados do século XX, de uma nova estrutura política dominada por oficiais militares da minoria xiita, em detrimento da tradicional elite urbana sunita, levou ocasionalmente a surtos de violência. Em 1979, uma insurgência latente contra o regime do presidente Hāfiz al-Assad tomou um rumo brutal quando militantes massacraram aproximadamente 50 cadetes, a maioria deles alauitas, numa academia militar em Aleppo. O governo respondeu com um deslocamento militar maciço para Aleppo em 1980, e centenas de pessoas foram mortas pelas forças especiais que caçavam militantes na cidade (EB, 2018).

Quando, no início de 2011, começaram a eclodir as manifestações contra o regime do presidente Bashar al-Assad, a revolta não teve eco em Aleppo e a cidade foi assim poupada às represálias brutais das forças de segurança sírias. No entanto, com a crise a evoluir para uma guerra civil, Aleppo tornou-se no centro de atividade da oposição armada, e a cidade tornou-se numa zona de guerra a partir do Verão de 2012 (EB, 2018).

A composição religiosa e étnica de Aleppo é semelhante à da Síria como um todo. A maioria dos residentes é muçulmana sunita, mas também há um número significativo de alauitas e cristãos. Após a Primeira Guerra Mundial, estabeleceu-se uma comunidade arménia

substantial em Aleppo, com a vinda de aproximadamente 50.000 refugiados arménios. A cidade também possui importantes núcleos de populações curdas e turcomenas (EB, 2018).

As raízes da comunidade judaica de Aleppo datam da antiguidade, e a cidade foi durante séculos um importante centro da cultura judaica. Um número significativo de judeus expulsos de Espanha no final do século XV acabou por se estabelecer em Aleppo. No século XX, a oposição muçulmana contra a colonização sionista na Palestina traduziu-se em crescente hostilidade e violência contra os judeus de Aleppo, estimulando uma onda de emigração. Em 1948, a maioria da comunidade judaica já havia deixado Aleppo, e os últimos habitantes judeus partiram na década de 1990 (EB, 2018).

As principais indústrias de Alepo são a tecelagem de seda, a estampagem de algodão, a produção de sabonetes e tintas e a preparação de couros, lã, frutas secas e nozes. A cidade é um mercado para a área agrícola circundante, que produz trigo, algodão, cevada, legumes, frutas, nozes e sésamo. Aleppo é especialmente conhecida por produzir pistácios, que são exportados para o mundo inteiro. A cidade fica ao longo da linha férrea Istambul-Bagdad e encontra-se também ligada por comboio a Damasco e Beirute. Tem ligações rodoviárias para Damasco, Latakia e Antakya (Turquia). Aleppo possui também um aeroporto internacional (EB, 2018).

Aleppo continua a ser um centro de poesia árabe tradicional, música, culinária e artesanato. É também um centro intelectual, com a Universidade de Aleppo, fundada em 1960, um instituto de música e várias madraças. O museu arqueológico da cidade exhibe artefactos antigos encontrados no norte da Síria em vários dos principais sítios arqueológicos (EB, 2018).

A cidadela de Aleppo é considerada um dos exemplos mais impressionantes e mais bem preservados da arquitetura islâmica medieval. Outro ponto de interesse é a Mesquita Grande, ou Zakariyyah - construída em 715 e reconstruída em 1258 - que recebeu o nome de Zacarias, o pai de João Batista. Partes das antigas muralhas de pedra da cidade, juntamente com vários dos seus portões, ainda estão intactas. A antiga cidade de Aleppo foi declarada pela UNESCO Património da Humanidade em 1986 (EB, 2018).

5.2.Caracterização do Espaço Geográfico

Alepo, Ḥalab (em árabe) ou Halep (em turco) é a principal cidade do norte da Síria. Está situada na parte noroeste do país, a cerca de 50 km ao sul da fronteira turca. Aleppo está localizada no cruzamento das grandes rotas comerciais e fica a cerca de 100 km do Mar Mediterrâneo (oeste) e do rio Eufrates (leste). A sua população que era, em 2004, de cerca de 2.132.100 habitantes (EB, 2018), desceu para 1.602.264, em 2017 (Zimolo, 2017) como resultado de 6 anos de guerra civil na Síria.

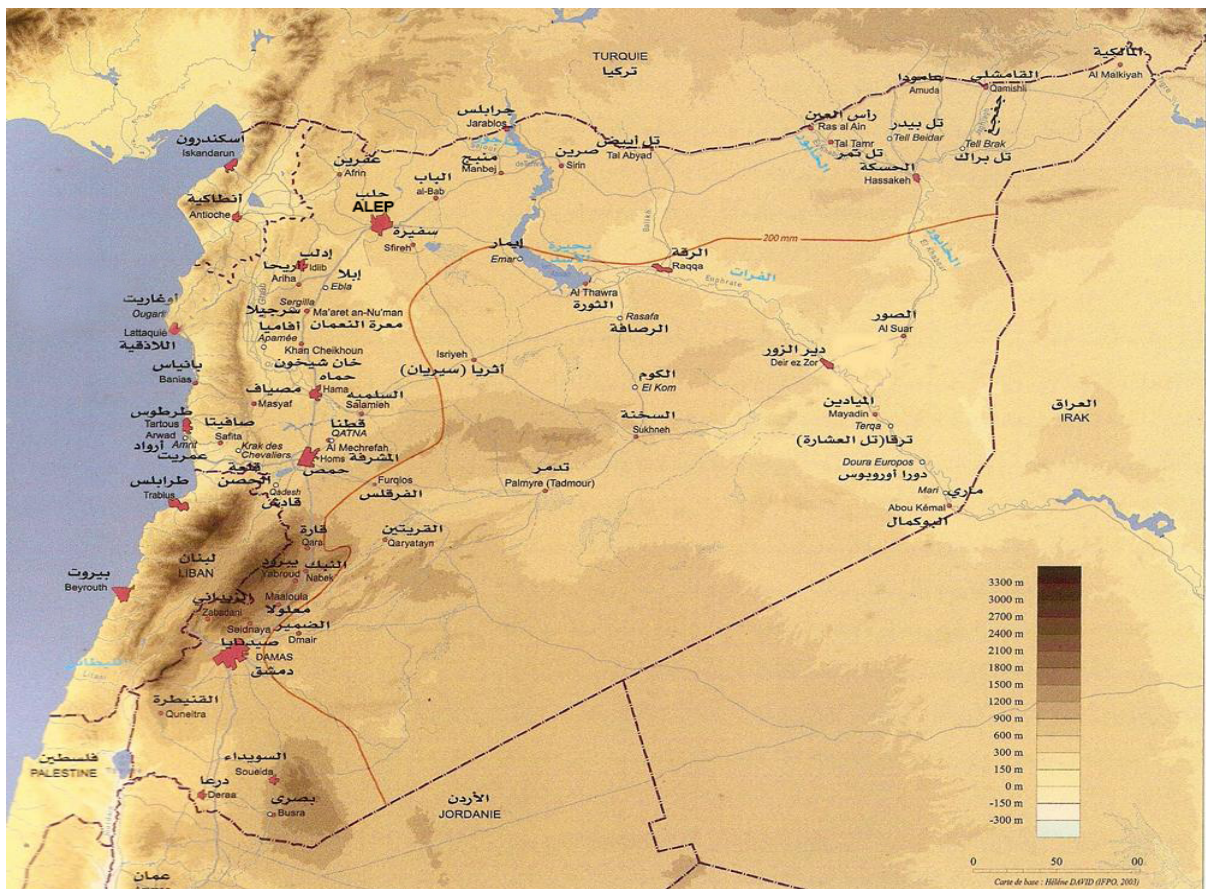


IMAGEM 22 - ALEPPO, SÍRIA, CLASSIFICADA COMO PATRIMÓNIO MUNDIAL EM 1986

Aleppo fica num planalto a uma altitude de aproximadamente 400 metros. A área é uma das mais férteis da Síria, com campos de trigo e pomares cobrindo a planície ao sul da cidade. O rio Quwayq atravessa a cidade, embora por vezes tenha secado em Aleppo, em parte devido à

utilização intensiva da sua água na Turquia, país onde este rio nasce. Aleppo tem um clima semiárido quente com verões longos e invernos chuvosos e curtos (EB, 2018).

O ponto de referência mais visível de Aleppo é a cidadela medieval, que fica numa colina parcialmente construída pelo homem no centro da cidade, com cerca de 40 metros de altura. A parte antiga da cidade, que se estende para fora a partir da base da colina, cobre aproximadamente 4 km quadrados. A oeste da cidadela encontra-se um dos maiores e mais bem conservados bazares cobertos no Oriente Médio, que se estende por quilómetros através de ruas estreitas. Os fornecedores estão agrupados por categorias de comércio dentro do bazar, formando becos especializados para mercadorias, incluindo roupas, têxteis, couro, sabão e especiarias. Os numerosos *khans*, mesquitas e casas de comerciantes foram construídos com calcário, e muitos deles datam dos séculos XVI e XVII. As áreas residenciais tradicionais da cidade antiga apresentam casas com pátios, bem compactadas e conectadas através de redes de becos com paredes altas (EB, 2018).

Fora da cidade velha, foram construídos empreendimentos residenciais de arquitetura ocidental com ruas largas e edifícios altos de habitação, para acomodar o crescimento populacional que a cidade sofreu no século XX. A rápida expansão superou o planeamento urbano e a sobrelotação e infraestruturas insuficientes continuam a ser os principais problemas de desenvolvimento. A construção de amplas estradas modernas pelo centro da cidade nos anos 1950 e 1970 teve o efeito de dividir áreas contíguas da cidade antiga em bairros separados, interrompendo os modelos tradicionais de atividade (EB, 2018).

5.3. Descrição da Proposta

Aleppo, é uma cidade que foi fundada há cerca de 5.000 anos, e uma das mais antigas cidades do Médio Oriente, localizada no Crescente Féril, onde os primeiros colonos se estabeleceram. Ao longo da História, a região foi uma zona de conflitos entre o Norte e o Sul, e entre o Este e o Oeste. Muitas das suas casas foram construídas em diferentes fases históricas. Os edifícios foram frequentemente demolidos ou destruídos e parcialmente reconstruídos novamente (Gaeta Springali Architects, 2017)

A Residência de Estudantes Internacionais em Aleppo é um projeto que surgiu da necessidade de juntar a juventude internacional e as suas ideias, para resolver o problema da reconstrução sustentada da cidade e do seu crescimento no futuro. As ideias dos locais complementadas pelas daqueles que vêm de diversas partes do globo, com culturas e experiências diversificadas, contribuem para aumentar o espectro de soluções, com vista ao desenvolvimento sustentável e eficaz da cidade. Neste sentido a presença das camadas jovens, imbuídas de ideias arrojadas e inovadoras é, neste momento, mais do que nunca, uma necessidade. Foi a pensar nesses jovens que foi projetada esta Residência de Estudantes Internacionais.

O projeto tem a sua implantação num lote a noroeste da Cidadela de Aleppo (Imagem 23).

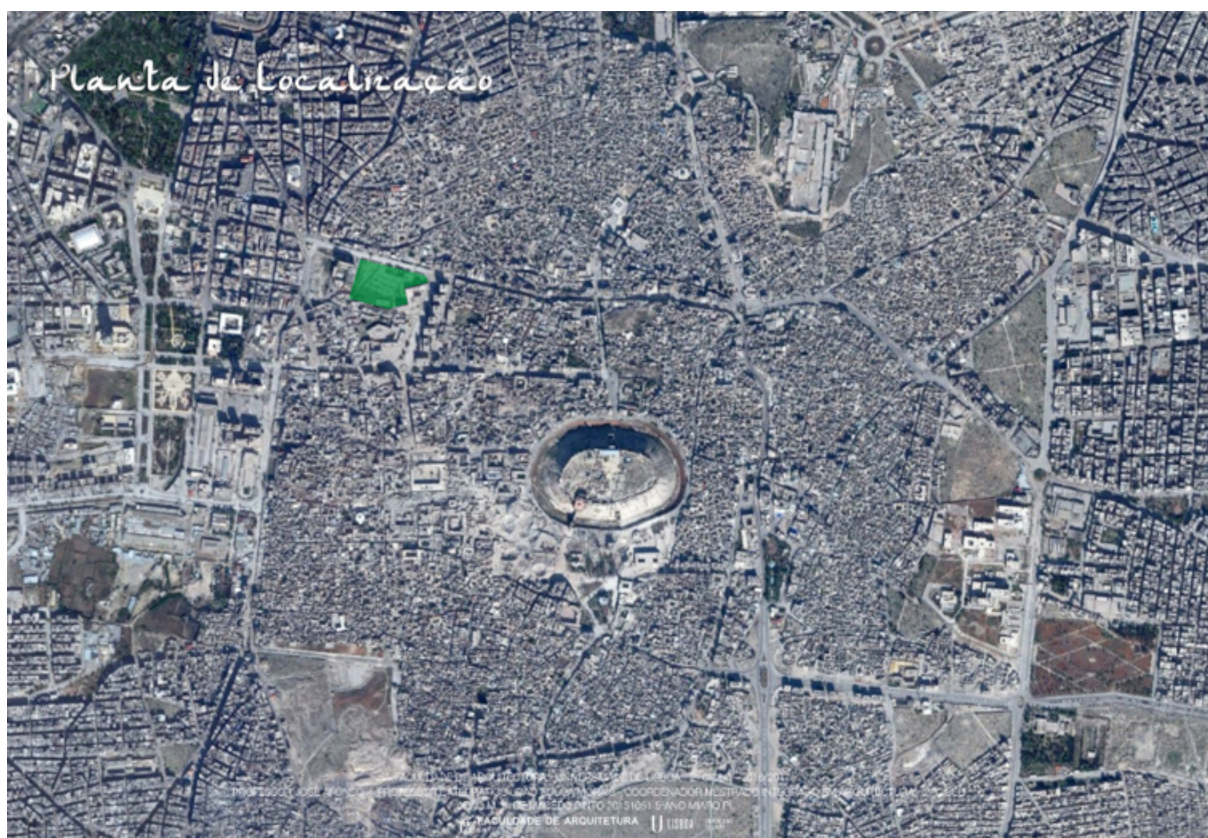


IMAGEM 23 – VISTA AÉREA DA CIDADE DE ALEPPO (2018)

Este lote insere-se num quarteirão onde estão implantados edifícios de fraca qualidade arquitetónica em amontoados, e destruídos em grande parte pelas bombas, mas também edifícios importantes como o Hotel Sheraton, a Mesquita e a Câmara do Comércio, que interessam reabilitar e manter (Imagem 24).



IMAGEM 24 – VISTA AÉREA DO QUARTEIRÃO (2018)

O projeto da residência desenvolve-se por um conjunto de volumes que compõem quatro diferentes repúblicas (Imagem 25), sendo que a administração de cada uma é feita pelos alunos aí residentes.



IMAGEM 25 - PLANTA DO PISO TÉRREO

A ideia central que liga a residência à cidade, é formalizada pela configuração da Praça. No mundo árabe a Praça²⁷ liga três elementos – Religião, Política e Comércio. Assim, a norte fica implantada a residência para estudantes internacionais - a qual, nesta tricotomia significa o poder político, representado pela nova geração, por a universidade ser o local onde se formam novos pensamentos e a vontade de mudança, em suma, onde se constroem os novos líderes - que confronta a praça a sul. A Mesquita que representa o poder religioso encontra-se a este da praça que a confronta a poente e a sul a Câmara do Comércio (em representação do poder económico) que a confronta a norte (Imagem 26).

²⁷ À semelhança do fórum no Império Romano, situado na rua principal da cidade, onde se concentrava o centro político, religioso, económico e social da mesma. Era o equivalente à ágora na Grécia Clássica.



IMAGEM 26 - PLANTA DA RESIDÊNCIA E PRAÇA

No quarteirão a intervir, onde se localiza o lote da residência, existem presentemente vários edifícios de interesse que serão reabilitados e preservados como a Mesquita a este, o Hotel Sheraton a oeste e a Câmara do Comércio a sul mas também outros edifícios de menor interesse arquitetónico que constituem um amontoado sem composição lógica, de difícil acesso, e que se encontram agora, em grande parte, destruídos (a oeste). Assim o projeto urbanístico para o quarteirão contempla novos edifícios habitacionais, um parque no centro e um edifício vocacionado para o comércio local (Imagem 27).



IMAGEM 27 - PLANTA DO QUARTEIRÃO (LEGENDADA)

A residência é constituída por quatro edifícios independentes disposto ao longo de dois eixos, a oeste e a norte de praça. O edifício A (identificado na planta abaixo – Imagem 28) é composto por 3 pisos, cada um dos quais possui 7 quartos duplos. O edifício B é composto por 6 pisos, com 7 quartos duplos, cada um.

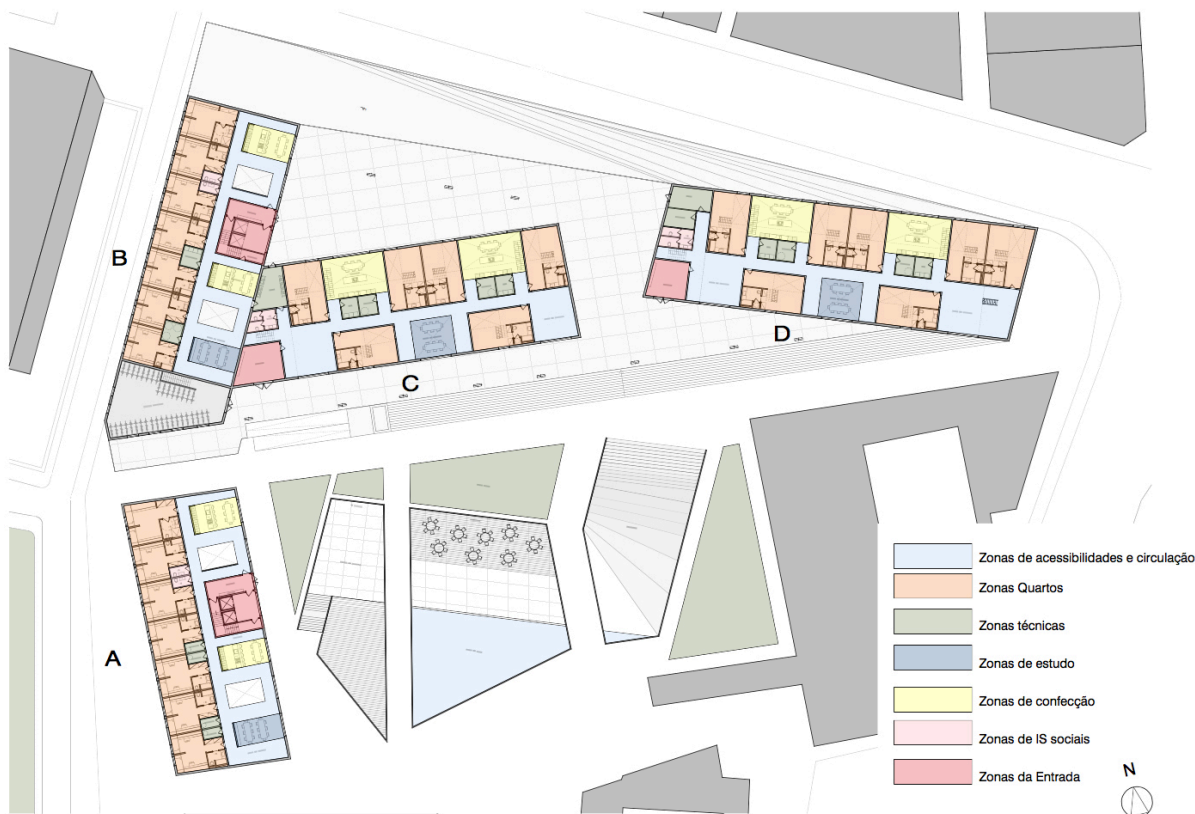


IMAGEM 28 – PLANTA DA RESIDÊNCIA COM IDENTIFICAÇÃO DOS EDIFÍCIOS E DIFERENTES ZONAS

O edifício C é composto por 2 pisos (1º piso + mezzanine) e tem 6 quartos duplos. O edifício D tem as mesmas características do edifício C mas possui 7 quartos duplos, em vez de 6.



IMAGEM 29 – PLANTA DA RESIDÊNCIA COM IDENTIFICAÇÃO DAS ZONAS COLETIVAS, PRIVADAS E PÚBLICAS

O terreno onde a residência será implantada tem uma área total de 7.568 m^2 , sendo que a área de implantação tem 2.534 m^2 .

A área construída é a seguinte:

Bloco A (3 pisos)	1.612 m^2
Bloco B (6 pisos)	3.872 m^2
Bloco C (Duplex's)	1.262 m^2
Bloco D (Duplex's)	1.440 m^2

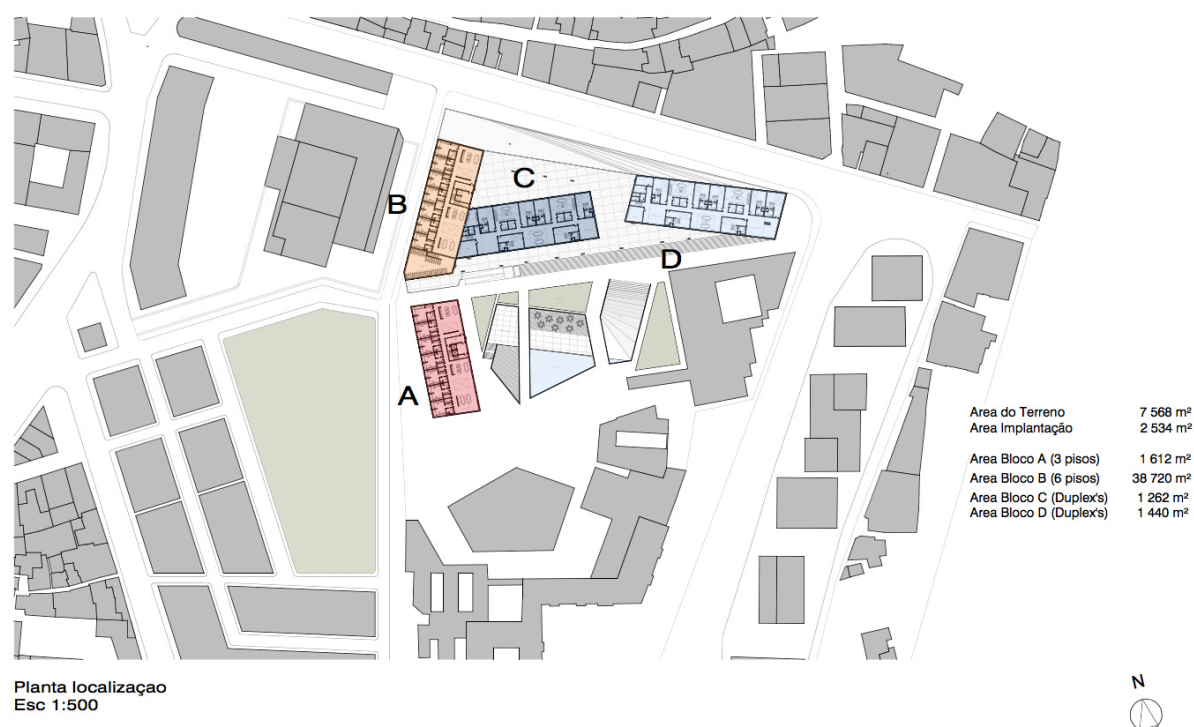


IMAGEM 30 – PLANTA DA RESIDÊNCIA COM AS RESPETIVAS ÁREAS

Como elemento unificador do espaço foi projetada uma pala em betão que se estende desde o edifício A (3 pisos), cobrindo o mesmo, contornando o edifício B (6 pisos) ao nível do 2^a piso e prolongando-se por cima dos edifícios C e D (2 pisos) (Imagens 31 e 32).

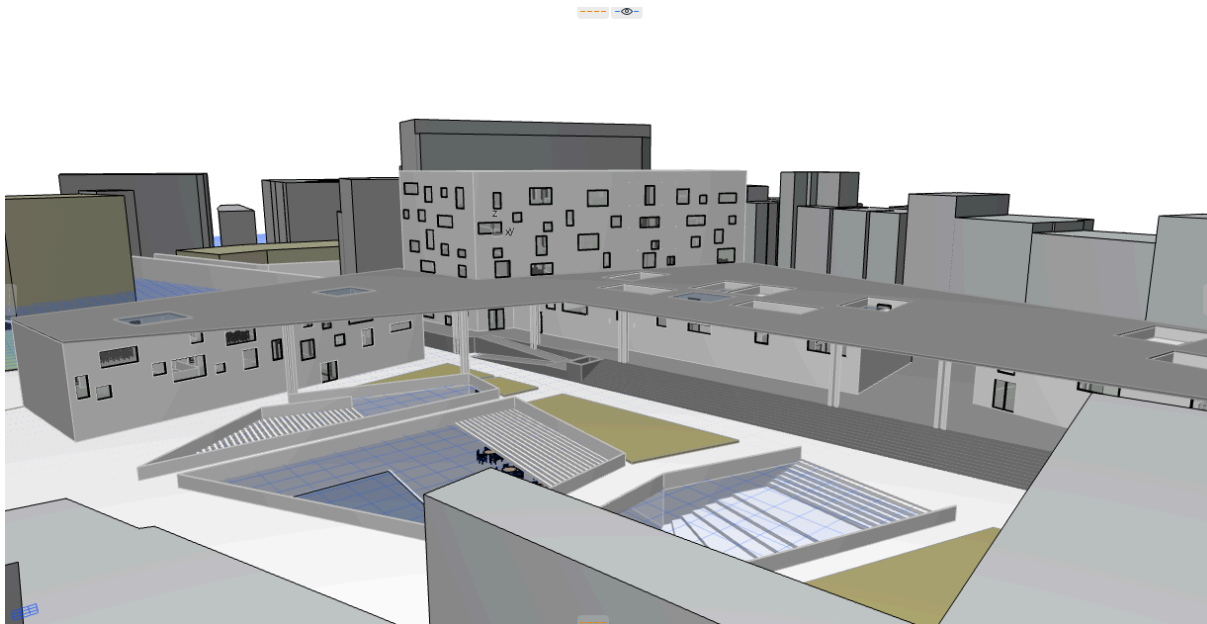


IMAGEM 31 - MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA ONDE É VISÍVEL A PALA EM BETÃO QUE UNIFICA OS VOLUMES



IMAGEM 32 - MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA ONDE É VISÍVEL A PALA EM BETÃO QUE UNIFICA OS VOLUMES (OUTRO ÂNGULO)

A ligação entre as duas cotas, a cota da rua de cima e da praça é compensada por uma plataforma elevada, com escadas e rampa de acesso para indivíduos de mobilidade reduzida,

pelo que a pala se estende uniformemente no mesmo nível entre os edifícios A, C e D, apesar de o primeiro ter 3 pisos e os dois últimos apenas 2 pisos (Imagens 33, 34 e 35).

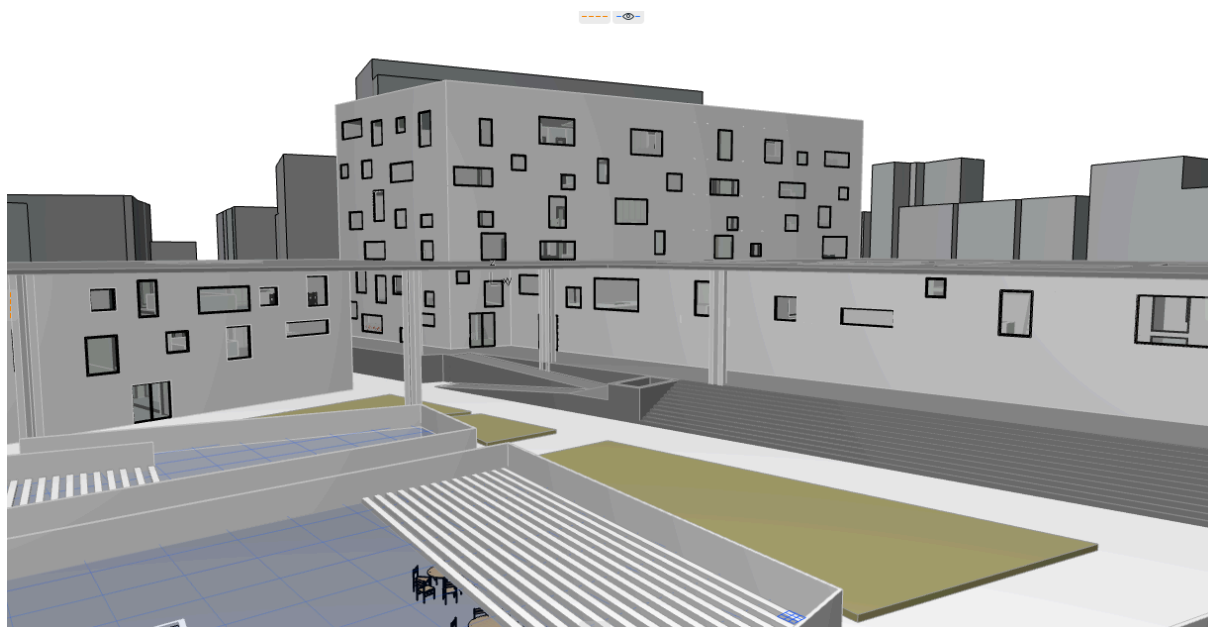


IMAGEM 33 - MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA ONDE É VISÍVEL O DESNÍVEL DAS COTAS

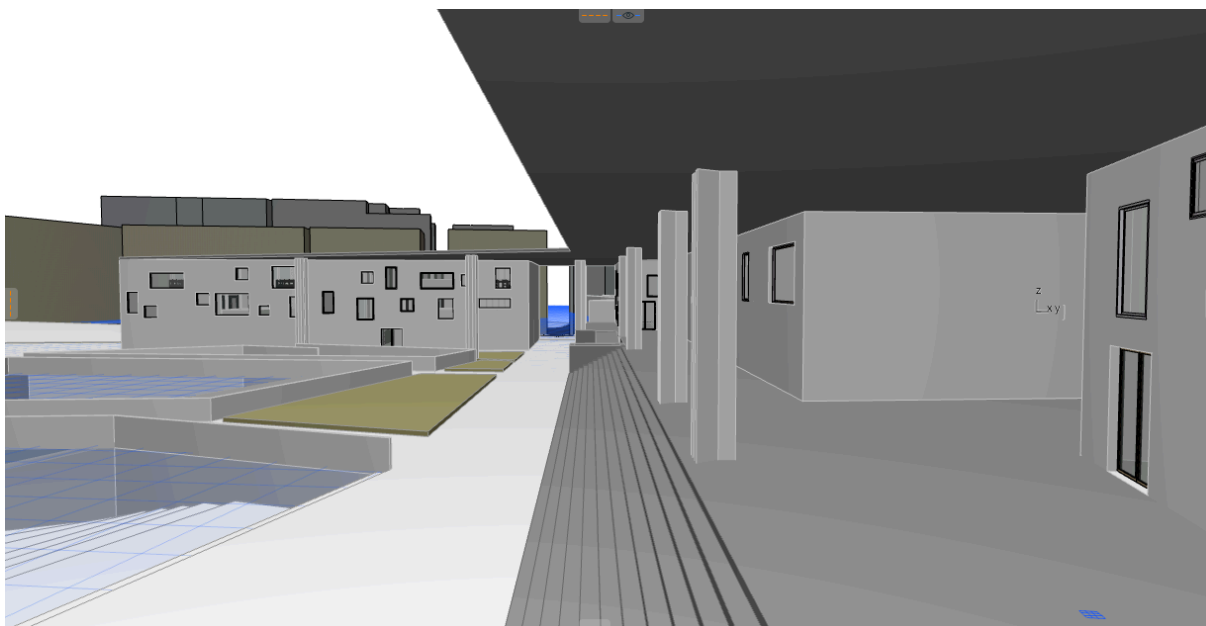


IMAGEM 34 - MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA ONDE É VISÍVEL O DESNÍVEL DAS COTAS (PERSPECTIVA 2)



IMAGEM 35 – MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA ONDE É VISÍVEL O DESNÍVEL DAS COTAS (PERSPECTIVA 3)

A pala possui vãos onde foram criados terraços e claraboias (Imagens 36, 37 e 38).

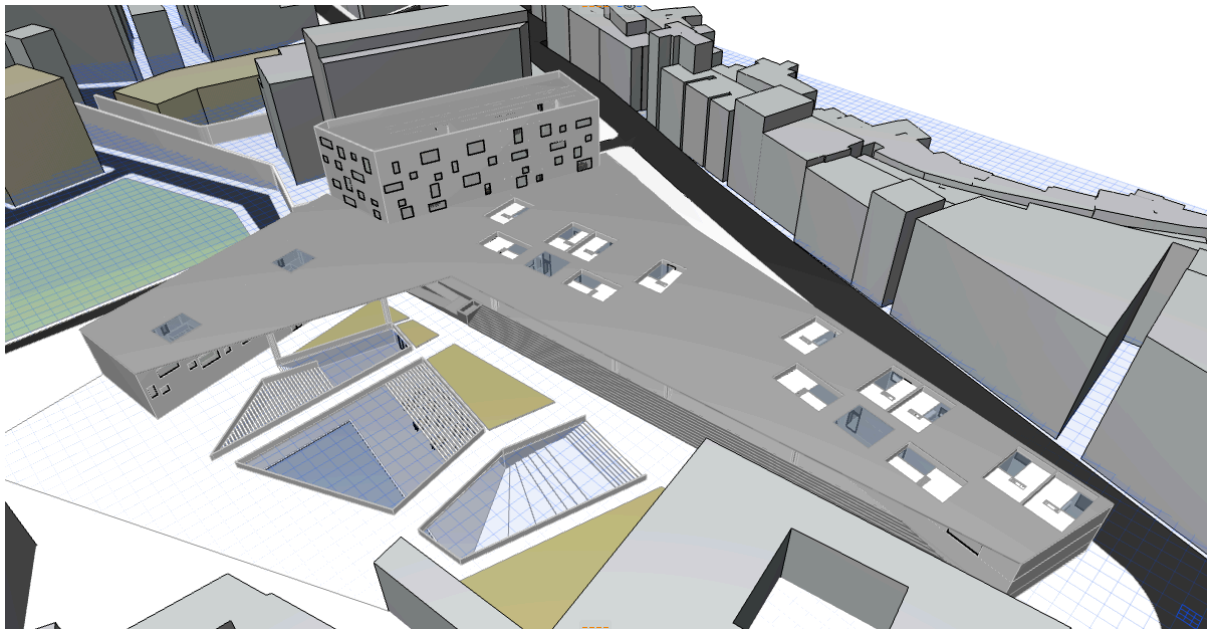


IMAGEM 36 – MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA VISTA DE CIMA, ONDE SÃO VISÍVEIS OS TERRAÇOS E AS CLARABÓIAS

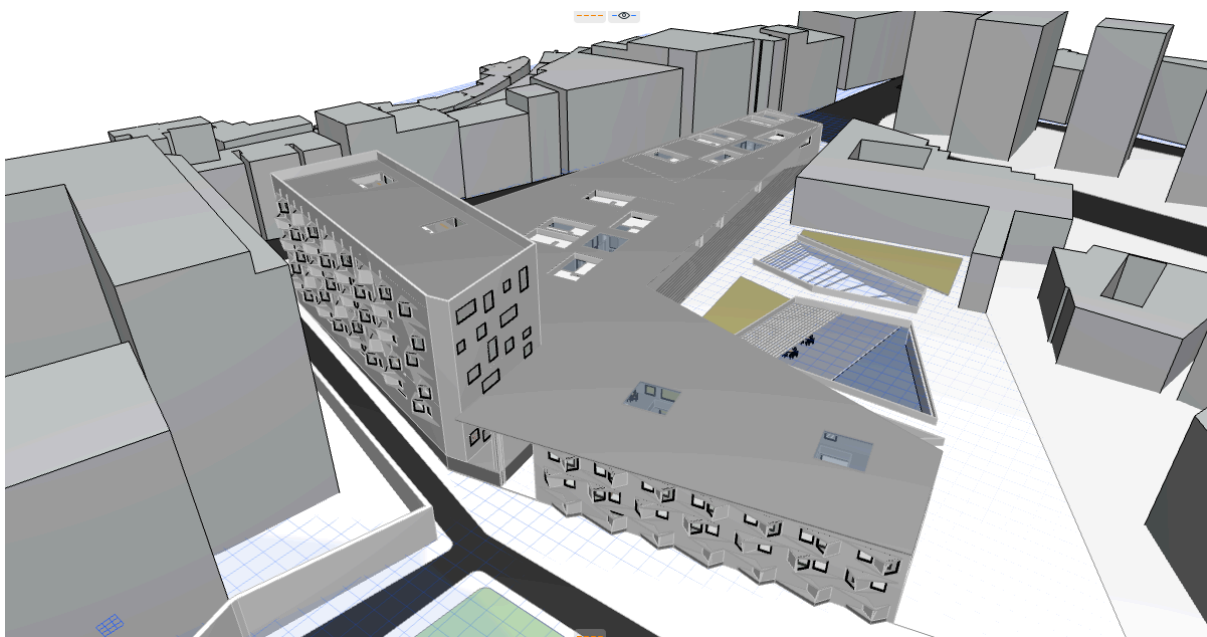


IMAGEM 37 - MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA VISTA DE CIMA, ONDE SÃO VISÍVEIS OS TERRAÇOS E AS CLARABÓIAS (PERSPECTIVA 2)

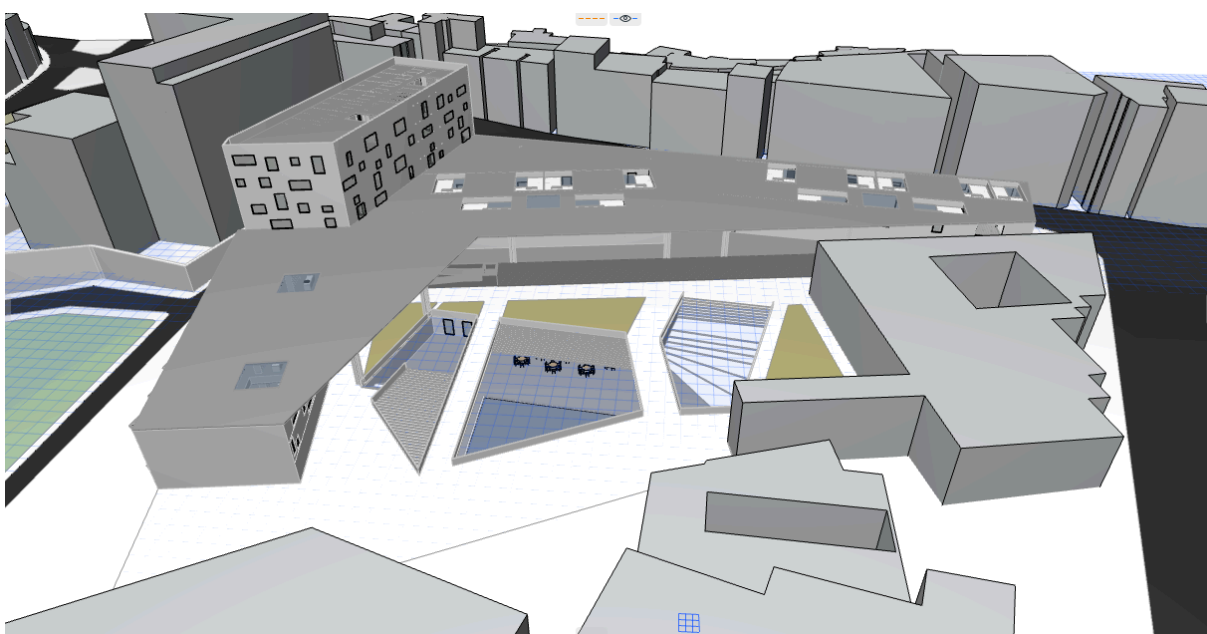


IMAGEM 38 - MODELO TRIDIMENSIONAL DA RESIDÊNCIA VISTA DE CIMA, ONDE SÃO VISÍVEIS OS TERRAÇOS E AS CLARABÓIAS (PERSPECTIVA 3)

Um dos elementos que confere singularidade ao projeto é o desenho das janelas a oeste (Imagens 39, 40 e 41).



IMAGEM 39 – MODELO TRIDIMENSIONAL - PORMENOR DOS VÃOS A OESTE



IMAGEM 40 - MODELO TRIDIMENSIONAL - PORMENOR DOS VÃOS A OESTE (PERSPECTIVA 2)



IMAGEM 41 – MODELO TRIDIMENSIONAL - PORMENOR DOS VÃOS A OESTE (PERSPECTIVA 3)

Nas imagens seguintes é possível ver o interior da residência e dos diferentes blocos que a constituem (Imagens 42, 43, 44, 45 e 46).

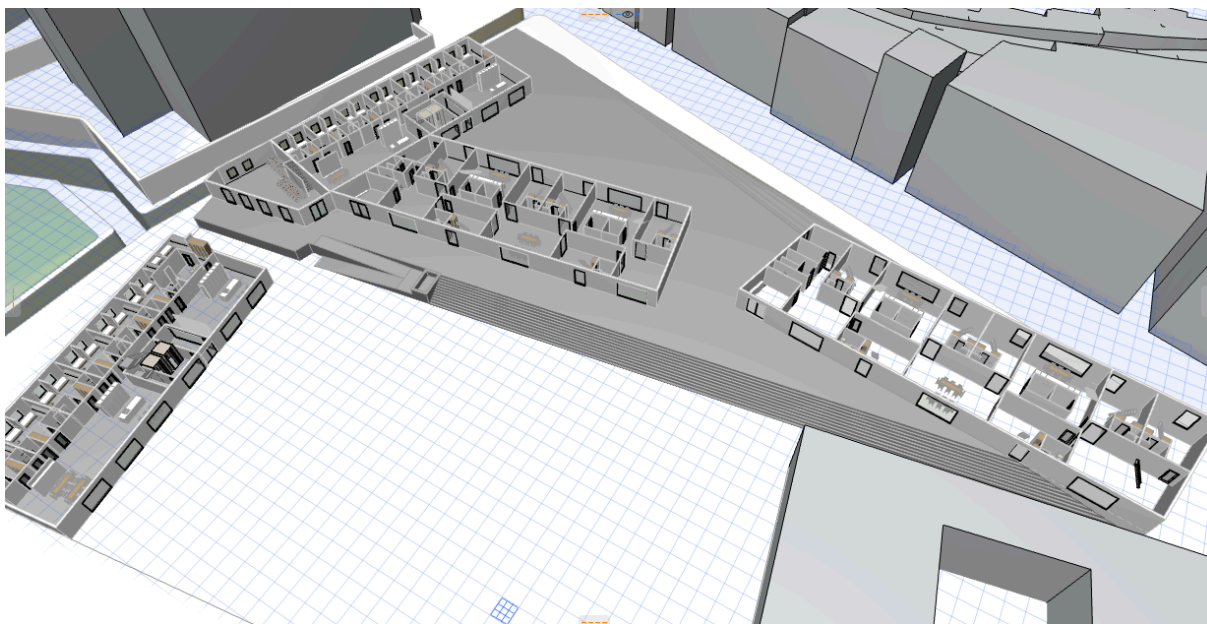


IMAGEM 42 - MODELO TRIDIMENSIONAL DO INTERIOR DA RESIDÊNCIA

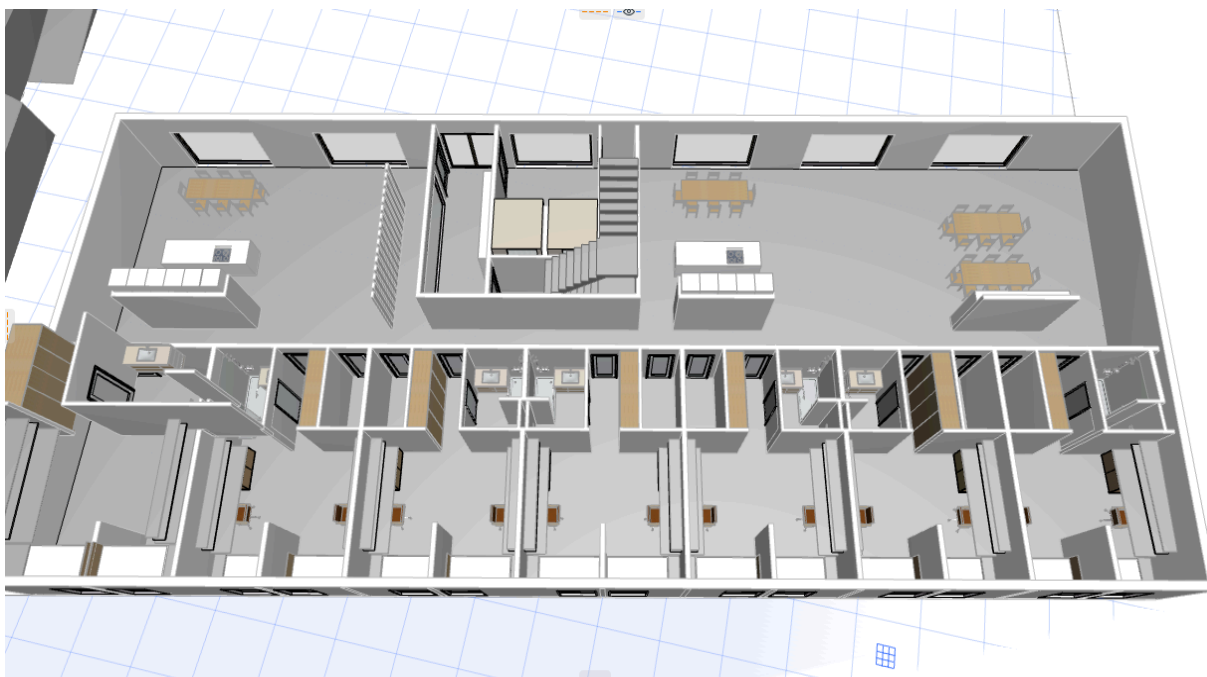


IMAGEM 43 - MODELO TRIDIMENSIONAL DO INTERIOR DO PISO TÉRREO DO BLOCO A (3 PISOS)



IMAGEM 44 - MODELO TRIDIMENSIONAL DO INTERIOR DO PISO TÉRREO DO BLOCO B (6 PISOS)

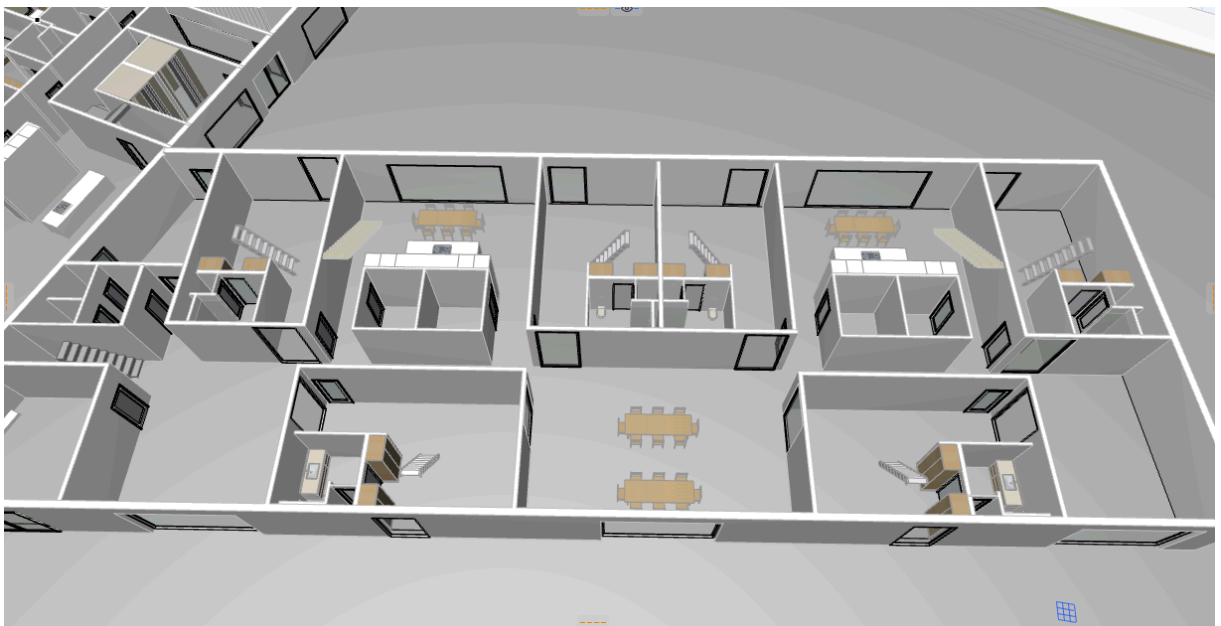


IMAGEM 45 - MODELO TRIDIMENSIONAL DO INTERIOR DO PISO TÉRREO DO BLOCO C

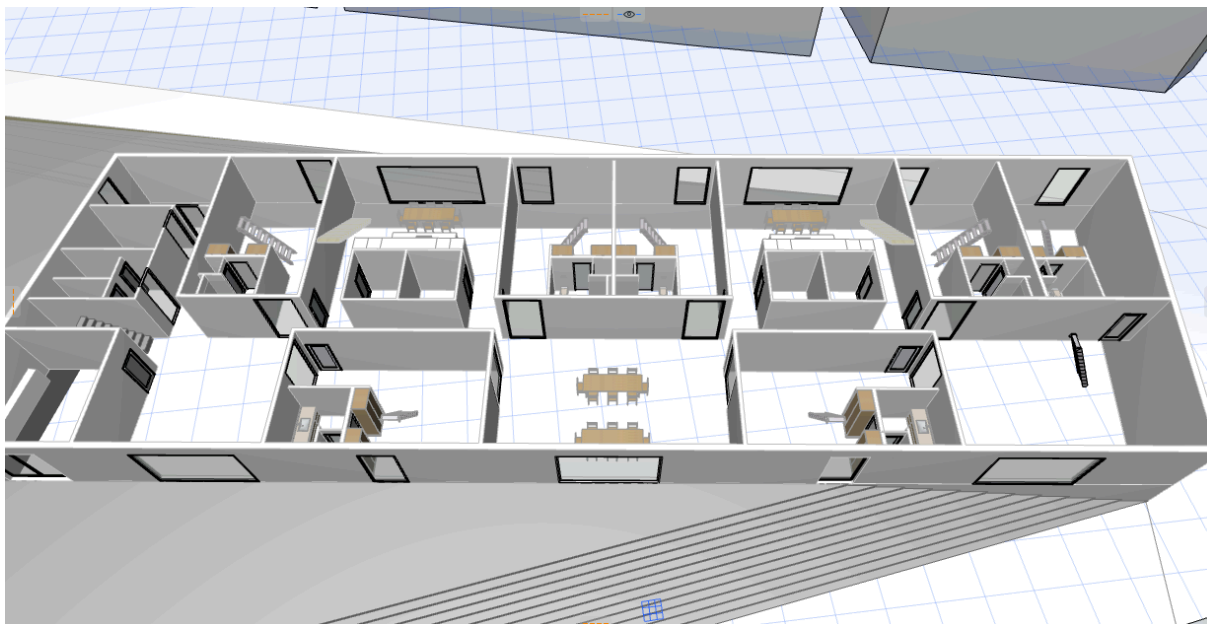


IMAGEM 46 - MODELO TRIDIMENSIONAL DO INTERIOR DO PISO TÉRREO DO BLOCO D

Os materiais para a construção da Residência de Estudantes Internacionais são obtidos não só localmente, mas tendo também em conta a reciclagem feita dos detritos da destruição da guerra.

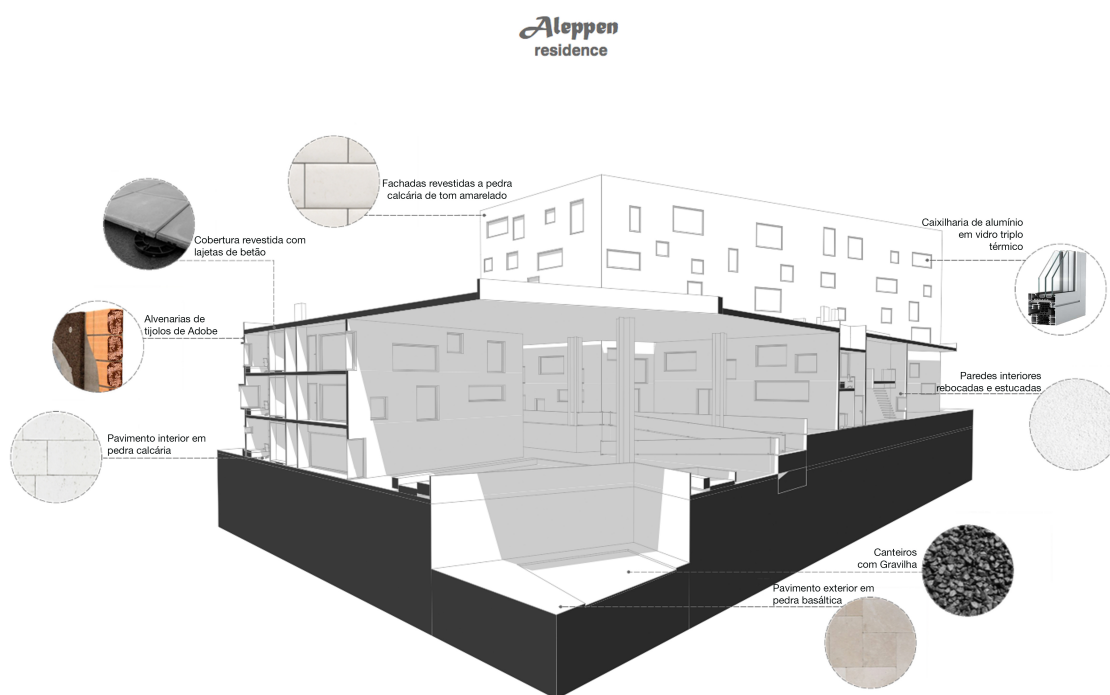


IMAGEM 47 – MATERIAIS UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DA RESIDÊNCIA

A estrutura do edifício é em betão armado reciclado. O betão proveniente de edifícios, passeios e estradas destruídos pelas bombas é transformado por máquinas especializadas que o trituram nos tamanhos adequados ao tipo de betonagem que se pretende. Neste processo são retirados da mistura todos os materiais que possam interferir com a sua reciclagem, como as madeiras e metais que são recolhidos por sistemas magnéticos. Este tipo de betão evita os custos de transporte, as emissões de carbono, o uso excessivo de gravilha e areia entre outros componentes químicos perigosos para o ambiente.



IMAGEM 48 – BETÃO RECICLADO

As paredes que preenchem a estrutura da residência são compostas de tijolos térmicos e ecológicos, de tecnologia muito antiga, o adobe. Argila e areia são misturadas com um ligante como a palha, sendo adicionada água à argila para evitar fissurar. A mistura é colocada em moldes, que são posteriormente removidos, secando o produto final ao sol sob forma de tijolos durante um período de duas a três semanas, altura em que estará pronto a formar parede.



IMAGEM 49 – TIJOLOS DE ADOBE

Entre a alvenaria de adobe e o revestimento exterior de pedra, são instaladas placas de aglomerado de cortiça que permitem uma baixa condutividade térmica mas também acústica, isolando o interior da residência de um modo ecológico. As placas de aglomerado de cortiça são produzidas de modo natural sem aditivos resultando num produto sem emissões de compostos nocivos para a qualidade do ar interior, sendo ainda sumidouras de carbono.



IMAGEM 50 – ISOLAMENTO COM PLACAS DE AGLOMERADO DE CORTIÇA

O revestimento final das paredes do edifício bem como de pavimentos é composto de peças de pedra calcária e basáltica (exterior). As paredes exteriores são compostas por peças de 1m por 1,20m em tom amarelo, semelhante ao da Cidadela de Aleppo e dos restantes tradicionais edifícios da cidade.



IMAGEM 51 – CITADELA DE ALEPPO

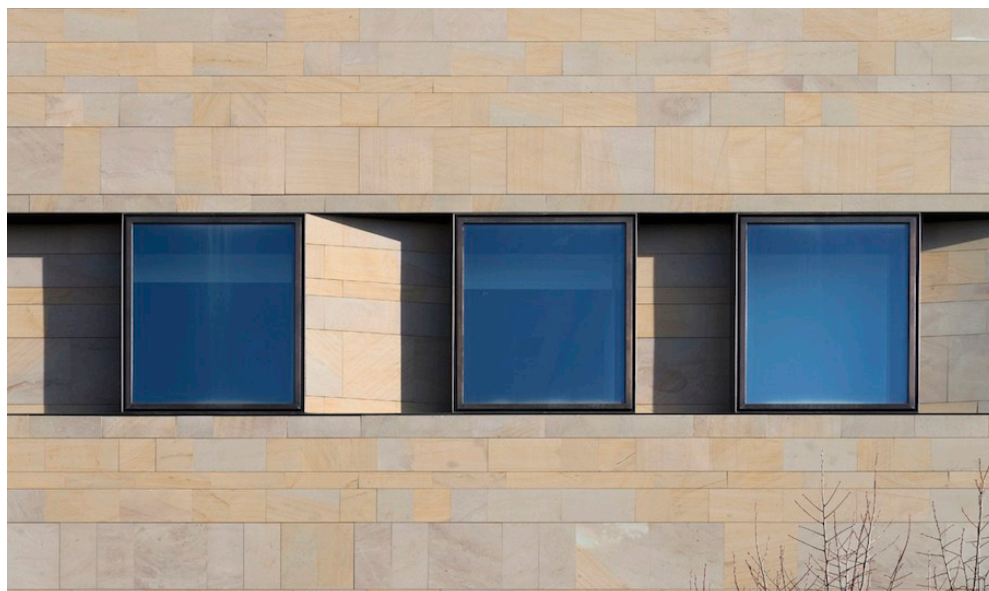


IMAGEM 52 – FACHADA EM PEDRA CALCÁRIA

Os pavimentos interiores da residência serão em pedra calcária de cor mais clara - branco, reflectindo a luz dentro das repúblicas, ampliando o bem-estar e tranquilidade. A disposição e dimensão das peças terá em conta a reciclagem da pedra feita de vários locais, contudo tendo em consideração o interesse em manter a ortogonalidade do desenho das peças independentemente das suas diferentes dimensões.



IMAGEM 53 – MODELO TRIDIMENSIONAL - PAVIMENTO INTERIOR DA RESIDÊNCIA

À semelhança do pavimento interior, o pavimento exterior é também de tonalidade clara, mas de origem basáltica. O basalto é uma rocha magmática de origem vulcânica, caracterizada pela sua dureza e resistência, utilizada aqui pela necessidade de representação de uma praça que unifica de modo inquebrável as três variáveis mais importantes da sociedade árabe: A Religião, Política e Comércio. A praça formalizada por este material irá unir a Residência de Estudantes Internacionais (Política) à Mesquita (Religião) e à Câmara do Comércio (Comércio).



IMAGEM 54 – MODELO TRIDIMENSIONAL - PAVIMENTO EXTERIOR DA PRAÇA

As coberturas dos blocos que compõe a residência fazem-se constituir por diversos materiais que cobrem a laje em betão armado. A impermeabilização em dupla tela cruzada de xisto assenta numa camada de regularização que gera a pendente necessária para a canalização das águas das chuvas para as caleiras. No topo desta camada, é feita uma betonilha onde assentam as lajetas de betão reciclado, formando o pavimento final.

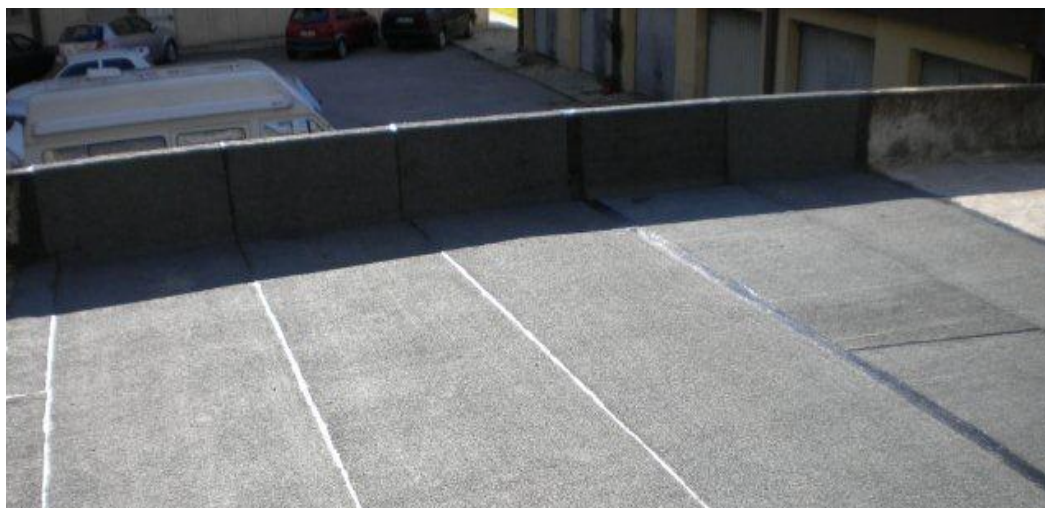


IMAGEM 55 – IMPERMEABILIZAÇÃO EM TELA DE XISTO

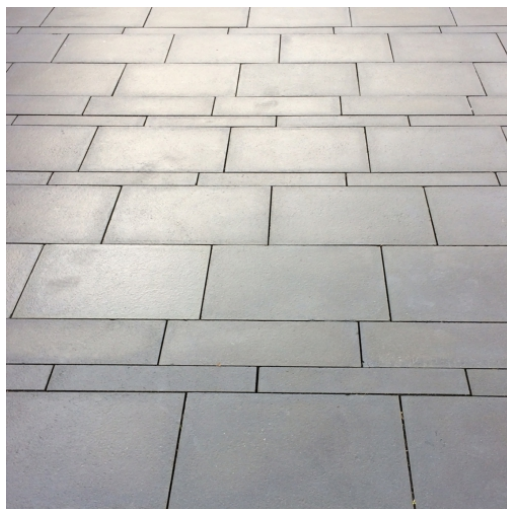


IMAGEM 56 – LAJES DE BETÃO RECICLADO

A caixilharia é composta por perfis de alumínio e vidros laminados com películas para as altas temperaturas da região. Deste modo o vidro triplo com película interior reflete os raios solares e mantém a temperatura interior isolada. Em alguns dos vãos serão instaladas janelas oscilobatentes, noutros janelas de correr com sistema de elevação para maior facilidade de manuseamento do peso. Todas as janelas têm sistema de corte térmico e acústico.

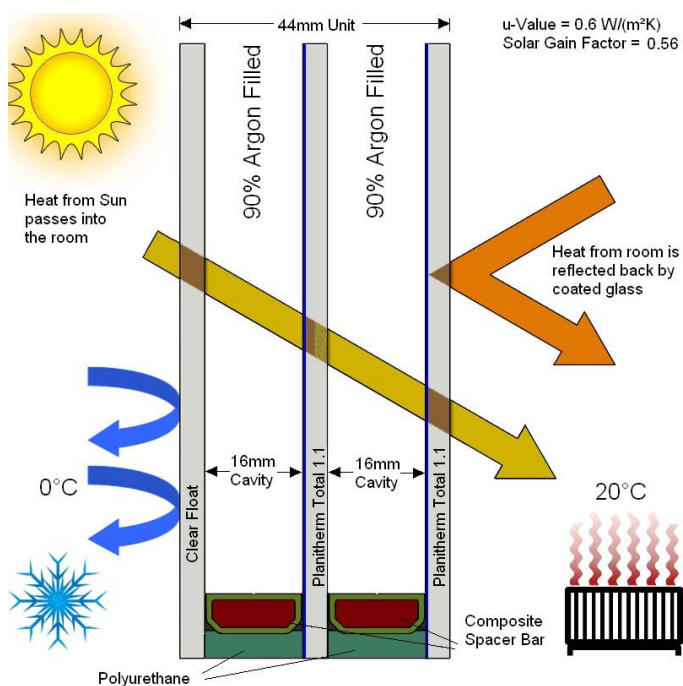


IMAGEM 57 – ESQUEMA DO VIDRO TRIPLO

Nas coberturas são colocados painéis solares fotovoltaicos ligados à rede eléctrica da residência que através de um inversor transferem energia eléctrica utilizável a 220 volts. Esta pode ser quando em excesso, armazenada num módulo de baterias alojada em cada república ou ser reencaminhada para a rede eléctrica da cidade de Aleppo, sendo utilizada noutros locais que àquela hora necessitam de maior carga eléctrica.



IMAGEM 58 – PAINÉIS SOLARES FOTOVOLTAICOS



IMAGEM 59 – BATERIAS ESTACIONÁRIAS

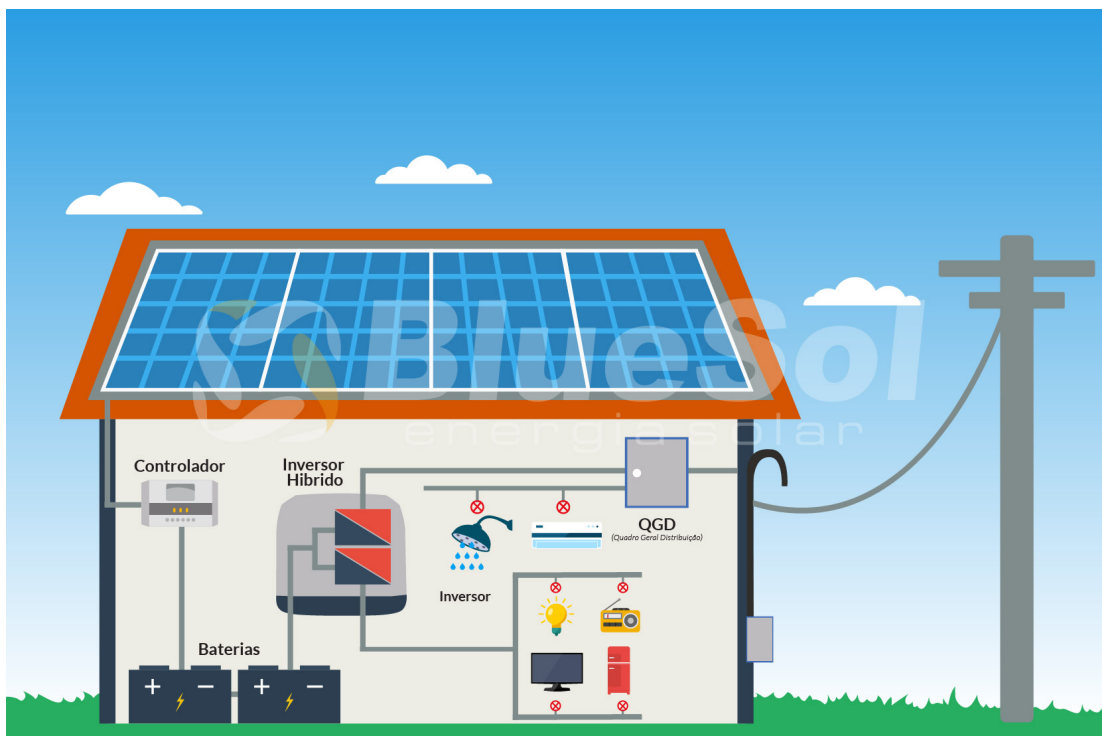


IMAGEM 60 – SISTEMA HÍBRIDO COM BATERIAS

Para o sistema de climatização da residência é utilizado o piso radiante aquecido e arrefecido hidráulico. Este faz circular água quente ou fria por um sistema de tubos que são montados por baixo do pavimento e conduzem termicamente a sua energia à superfície superior. Neste caso particular em que o pavimento é em pedra, a eficiência com que a energia térmica passa é bastante alta, permitindo um controlo maior sobre a temperatura pretendida, mas também sobre a rapidez de aquecimento e arrefecimento do sistema e por consequência dos ambientes. Este sistema é ligado a uma bomba de calor elétrica que por sua vez é ligada ao sistema de painéis fotovoltaicos, tornando-o ecológico pelos baixos consumos de energia elétrica da rede. Em cada divisão um diferente termostato permite diferentes temperaturas para maior adaptação a cada utilizador.



IMAGEM 61 – PISO RADIANTE HIDRÁULICO

A iluminação é um dos sistemas onde é possível maior optar por equipamentos com maior diferencial de consumo. Assim, toda a iluminação da residência recorre à tecnologia LED com temperatura de cor quente (2700K) à exceção das zonas das bancadas de cozinha e zonas técnicas com equipamentos com temperatura de cor neutra (4000K).

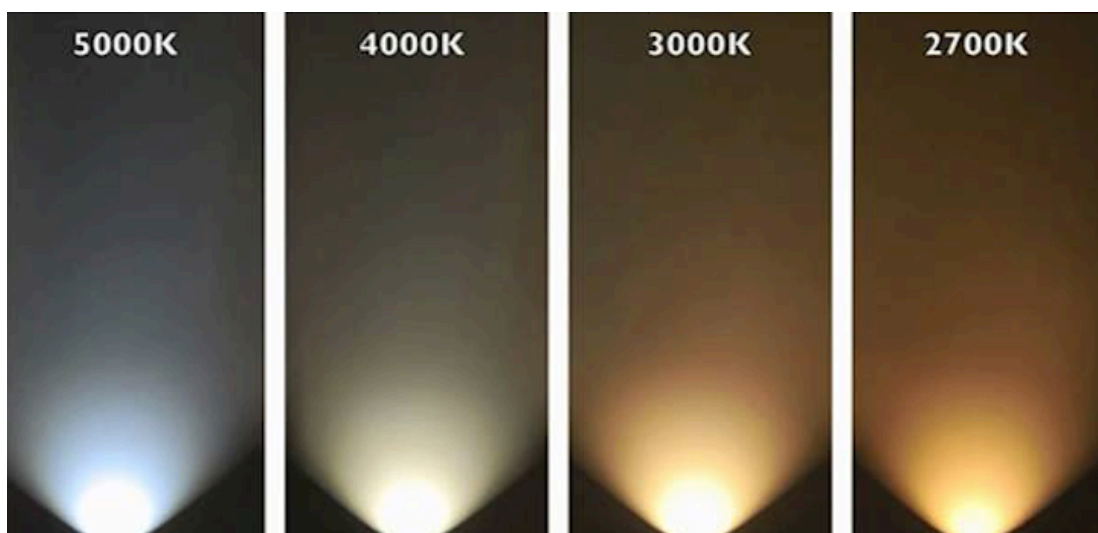


IMAGEM 62 – TEMPERATURA DE COR - LÂMPADAS LED



IMAGEM 63 – MESA EM MADEIRA E VIDRO POR GREG KLASSEN

O interior da residência é complementado por mobiliário de autores que prestam a sua ajuda e parceria com peças que podem ser recicladas e algumas até de fabrico local. O conforto dos estudantes depende da arquitetura do espaço, mas também do mobiliário e equipamentos que utilizam. Assim, pretende-se que as diversas disciplinas se unam no objetivo da estimulação positiva de quem habita aquele espaço através de um modo sustentável. A intenção é, portanto, a de favorecer a economia local, tanto na construção e equipamento da Residência Internacional de Estudantes, mas também na sua manutenção e serviços prestados.



IMAGEM 64 – RESIDÊNCIA VISTA DA PRAÇA



IMAGEM 65 – PRAÇA VISTA DE BAIXO DA PALA



IMAGEM 66 – RESIDÊNCIA - FACHADA NORTE

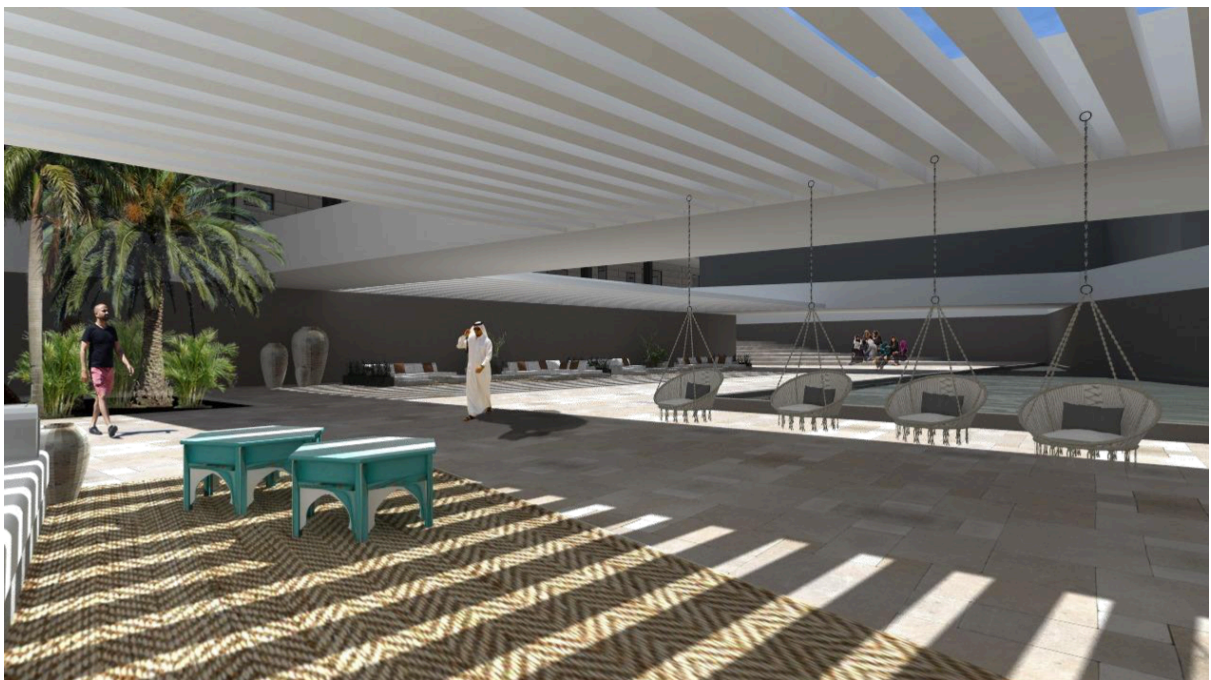


IMAGEM 67 – PARTE DE BAIXO DA PRAÇA



IMAGEM 68 – SALA DE ESTAR - BLOCOS OESTE

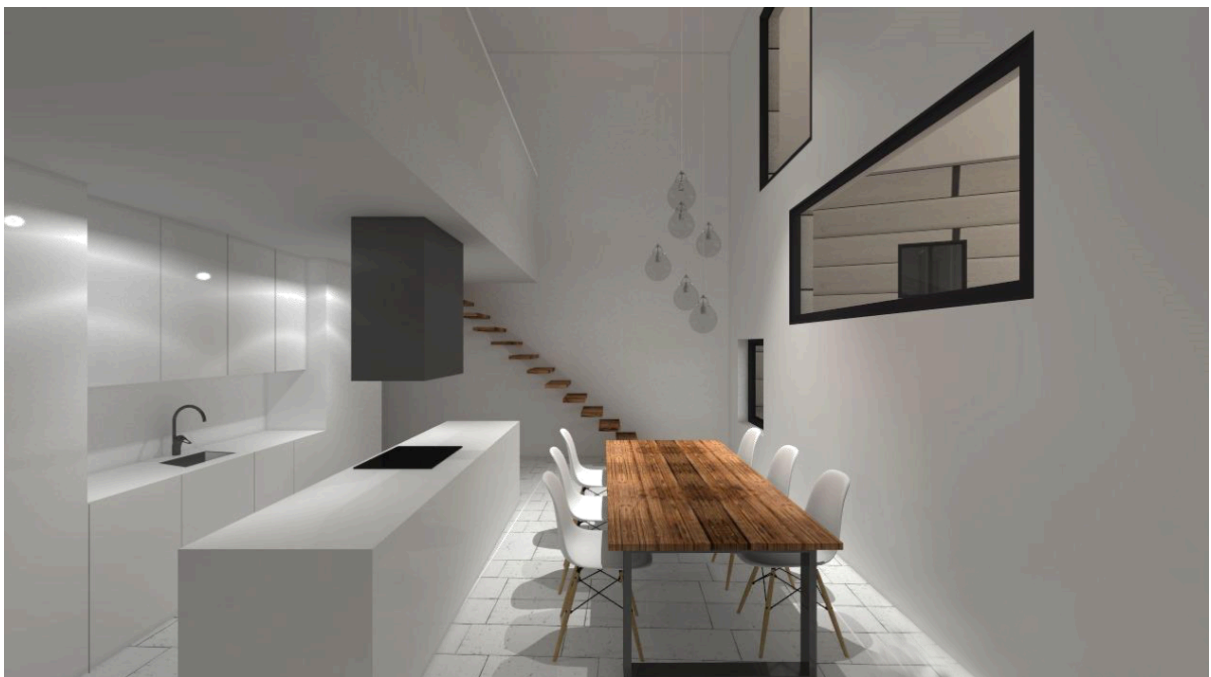


IMAGEM 69 – COZINHA - BLOCOS NORTE



IMAGEM 70 – QUARTO DUPLO - BLOCOS OESTE



IMAGEM 71 – QUARTO DUPLO - BLOCOS NORTE

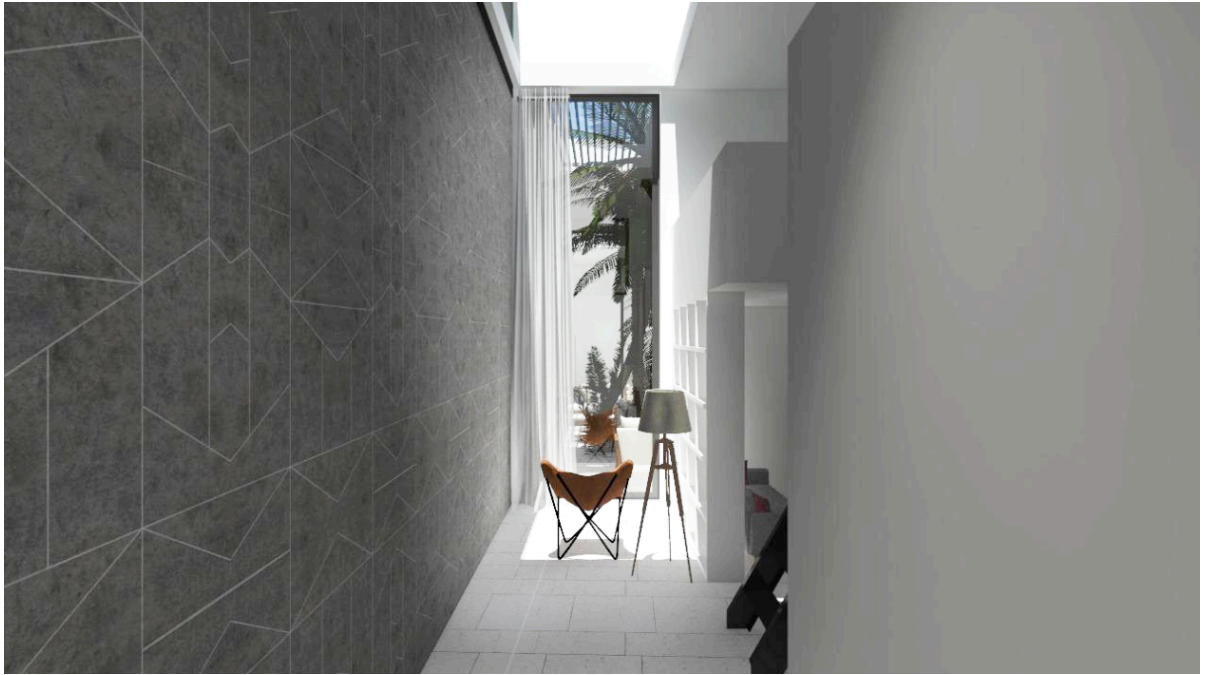


IMAGEM 72 – QUARTO DUPLO - BLOCOS NORTE



IMAGEM 73 – TERRAÇO DE QUARTO DUPLO - BLOCOS NORTE

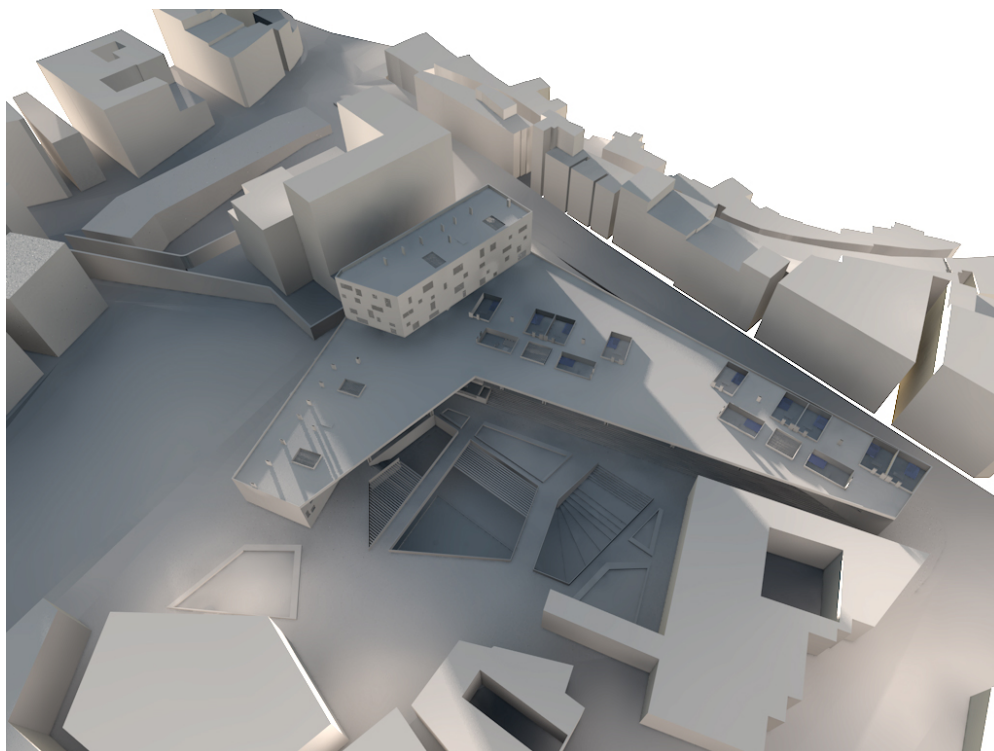


IMAGEM 74 – MAQUETA VIRTUAL

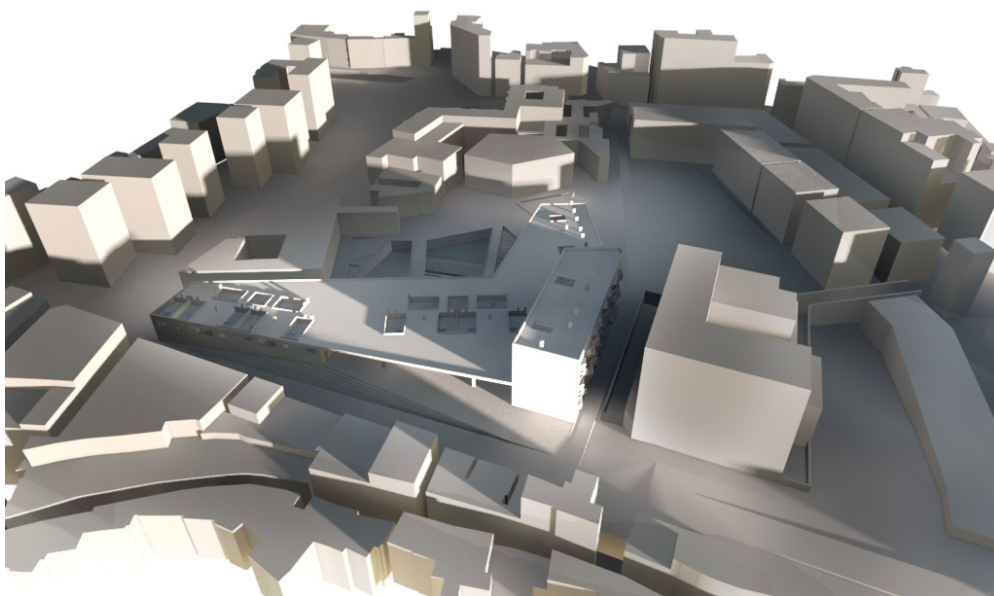


IMAGEM 75 – MAQUETA VIRTUAL

Conclusões

*The immanence of the “environmental and human disaster” that we see today in Syria overcomes the concept of architecture (understood as a need, consequence or manifestation of something else), leading the discipline to inevitably participate, as an integral part, in the resolution of a local/global “political and environmental” issue. In fact, one of the most pressing topics in the field of civil commitment (and in the operational field of architecture) is how to deal with the consequences of urbicides, with the deliberate violence against cities, with their destruction, and with the intentional elimination of collective memory made of stone*²⁸ (Albrecht, 2017, p. 7).

Para além da tragédia humana e social, com um saldo de centenas de milhares de mortos e desalojados, provocada pela guerra civil na Síria, o conflito armado deixou um rasto de destruição por todo o país, cujas “cicatrices” são bem visíveis na cidade de Aleppo, classificada em 1986, pela UNESCO, como Património Mundial ou Património da Humanidade, ou seja, algo que a todos nós, humanos, pertence e como tal temos o dever de preservar e proteger.

Em 2016, as Nações Unidas (UN-ESCWA) lançaram um apelo pedindo ideias para a reconstrução do país devastado pela guerra, o qual perdeu grande parte do seu património arquitetónico. Surgiu então o projeto *Sketch for Syria*, que contou com a participação de 150 arquitetos de 26 países (AD, 2017).

O mais importante desta iniciativa é a consciência sobre o significado real do processo de reconstrução: a capacidade de imaginar um possível futuro nos escombros da guerra. Muitos arquitetos deixaram uma marca: retrospectiva de viagens passadas ou imaginárias, hipóteses sobre o futuro, pensamento do drama de refugiados e migrantes, escolha de provocação artística, transformando seus lápis em armas pacíficas (AD, 2017).

O projeto partiu da iniciativa de Marco Ballarin e Jacopo Galli no IUAV, em Veneza, e contou com a contribuição de nomes importantes do panorama da arquitetura como Álvaro

²⁸ A imanência do “desastre ambiental e humano” que vemos hoje na Síria supera o conceito de arquitetura (entendido como a necessidade, consequência ou manifestação de outra coisa), levando a disciplina a participar inevitavelmente, como parte integrante, na resolução de uma questão “política e ambiental” local / global. De fato, um dos temas mais prementes no campo do compromisso civil (e no campo operacional da arquitetura) é como lidar com as consequências dos “urbicidas”, com a violência deliberada contra as cidades, com sua destruição, e com a eliminação intencional do modo de memória coletiva de pedra [tradução do autor].

Siza, Philippe Rahm, Peter Wilson e Francisco Aires Mateus, tendo como objetivo “imaginar, analisar e partilhar possíveis cenários de reconstrução para a Síria”. Este projeto resultou na elaboração de 52 sketchbooks (caderno de esboços) vindos diretamente das cidades sírias: Damasco, Aleppo, Hama, Latakia e Tartus, os quais pretendiam mostrar segundo os organizadores, a "força pacífica da arquitetura" (AD, 2017).

Tal como os sketchbooks apresentados pelos participantes no projeto *Sketch for Syria*, também a proposta que esteve na base desta dissertação pretende apresentar um possível cenário que possa contribuir para a reconstrução da Síria.

De acordo com Zimolo (2017, p.21) a Síria foi sempre uma encruzilhada de caminhos, uma estratificação e contaminação de culturas, histórias e religiões. Aleppo, especificamente, é uma cidade que foi capaz de ultrapassar numerosas catástrofes ao longo do tempo, e reconstruir os sinais e fragmentos da traça antiga.

Tendo estas premissas em mente considero que a arquitetura tem potencial para combater a crescente descaracterização social da cidade de Aleppo, na medida em que constitui a expressão final da sociedade e representa o testemunho da experiência humana e da cultura. Um projeto urbanístico que tenha em consideração a textura urbana da cidade pode captar o carácter simbólico da sua herança cultural e preservar a sua memória identitária, pois “a textura urbana não ‘esquece’ o seu passado: ela retém os traços dos seus variados estágios de expansão, destruição e transformação” (Zimolo, 2017, p. 21).

Bibliografia

- Acciaiuoli, M. (1991). *Os Anos 40 Em Portugal, O País, O Regime e As Artes. “Restauração” e “Celebração”*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte Contemporânea. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Técnica de Lisboa.
- Aguiar, J. (2005). *Cor e Cidade Histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Albrecht, B. (2017). Peace and Architecture. In Gaeta Springal Architects (2017). *The Red Line of Aleppo* (p. 6-7). (Coleção Syria – The Making of the Future. From Urbicide to the Architecture of the City). Veneza: Incipit Editore S.r.l./ Università Iuav.
- AD Editorial Team (2017). Álvaro Siza and other imagine possible scenarios for a reconstructed Syria. *ArchDaily*. Disponível em: https://www.archdaily.com/878217/alvaro-siza-leads-a-rostrum-of-acclaimed-architects-imagining-possible-scenarios-for-reconstructing-syria-iuav-venice-venezia-sketch?utm_source=dlvr.it&utm_medium=twitter
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Blimling, G.S. & Miltenberger, L. (1984) *The resident assistant: working with college students in residence halls* (2nd edition). Dubuque, Uowa: Kendall/Hunt Pub. Co.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brandi, Cesare (2005). *A teoria do restauro*, Lisboa: Edições Orion.
- Carta de Amesterdão (1975). *Carta Europeia do Património Architectónico*, disponível em : http://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1975-carta_europeia_do_patrimonio_arquitetonico-conselho_da_europa.pdf

Carta de Cracóvia (2000). Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído. Disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

Carta de Veneza de 1964 (1999). Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios. *Cadernos de Sociomuseologia*, 15. Disponível em: <http://www.fmnf.pt/Upload/Cms/Archive/CartadeVeneza1964.pdf>

Choay, F. (1999). *A Alegoria do Património*, 1ª ed., Lisboa: Edições 70.

Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas em pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Encyclopaedia Britannica (2018). *Aleppo*. Disponível em: www.britannica.com

Fabbro, A. (2017). *Aleppo. Traces of Future*. (Coleção Syria – The Making of the Future. From Urbicide to the Architecture of the City). Veneza: Incipt Editore S.r.l./ Università Iuav.

Gaeta Springal Architects (2017). *The Red Line of Aleppo*. (Coleção Syria – The Making of the Future. From Urbicide to the Architecture of the City). Veneza: Incipt Editore S.r.l./ Università Iuav.

Gwiazda, M. & Pullan, W. (2011). Negotiating conflict in the urban environment: Jerusalem's Damascus Gate. In P. Beacock, G. Makstutis, R. Mull, S. Rhodes and J. Ng (eds). *Intercultural Interaction in Architectural Education*. London: London Metropolitan University, pp.26-32.

Hall, E. T. (1966). *The hidden dimension*. New York: Doubleday.

Hertwich, E. & Katzmayer, M. (2004). *Examples of sustainable consumption: Review, Classification and Analysis*. Norwegian University of Science and Technology, Industrial Ecology Programme (IndEcol), Report nr: 5/2004.

Jokilehto, J. (2002) *A History of Architectural Conservation*. Oxford: Butterworth-Heinemann.

- Le Corbusier (2014). *Towards a New Architecture*. New York: Dover Publications, Inc. (Reprint of 1927 Edition).
- Lecroart, P. (2009). *The urban regeneration of Plaine Saint-Denis, Paris region, 1985–2020. Integrated planning in a large ‘Urban Project’*. Planning Sustainable Cities: Global Report on Human Settlements 2009.
- Luso, E., Lourenço, P. B. & Almeida, M. (2004). Breve história da teoria da conservação e do restauro, *Engenharia Civil UM*, 20: 31-44.
- Malafaya, F. (2004). Qualificação ambiental e conservação do património: discussão dos conceitos envolvidos. Universidade Fernando Pessoa. Retirado de: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1872/1/60-76.pdf>
- Melo, F. (2017). *Out of Focus. The Aleppo’s Scar*. (Coleção Syria – The Making of the Future. From Urbicide to the Architecture of the City). Veneza: Incipt Editore S.r.l./ Università Iuav.
- Merimée, P., *Biographie*, disponível em: <http://www.merimee.culture.fr/>
- Neto, M. J. B. (2001). *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Nisbet, H. B. (1985). *German Aesthetic and Literary Criticism: Winckelmann, Lessing, Hamann, Herder, Schiller and Goethe*. CUP Archive.
- Pangalos, P. (2008). *The significance of time in contemporary architecture. Technical and poetic time: the case of Aldo Rossi*. Phd dissertation. University of Patras, Greece.
- Pereira, J. (2011). *Introdução à História da Arquitetura das Origens ao Século XXI*. Editora Bookman.
- Philippot, P. (2002). “Foreword” in Jokilehto, Jukka (2002) *A History of Architectural Conservation*, Oxford: Butterworth-Heinemann: vii-ix.

- Ribeiro, M. C. F. (2008). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho, Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Royal Geographical Society (online). *Urban Regeneration in East London – ‘geography explained’ fact sheet*. Disponível no site http://www.rgs.org/NR/rdonlyres/7F628840-98F9-4E52-9BFD-E4CBBDAF1EEB/0/KS3_FactSheet_EastEndregeneration_2.pdf
- Ruskin, J. (1849). *The Seven Lamps of Architecture*. New York: John Wiley & Son, Publishers, 2 Clinton Hall, Astor Place.
- Silva, R. (2004). *Arquitectura moderna: pretérito imperfecto*. Projeto Final para a conclusão de licenciatura em Arquitetura. Coimbra: Universidade de Coimbra. Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- Sommer, R. (1973). *Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planeamentos*. São Paulo: EPU.
- Tabbaa, Y. (1997). *Constructions of Power and Piety in Medieval Aleppo*. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press.
- Thomsen, J. (2007). Home Experiences in Student Housing: About Institutional Character and Temporary Homes. *Journal of Youth Studies*, 10 (5): 577-596
- Tournoux, M-N. (Ed.) (2014). *Developing Historic Cities. Keys for understanding and taking action. A compilation of case studies on the conservation and management of historic cities*. France: UNESCO World Heritage Centre.
- Vergara, S. (1997). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Viollet-le-Duc (1857). *Description du château de Pierrefonds*, Paris: Bance.
- Vitruvius P., Morgan, M. H. & Warren, H. L. (1914). *Vitruvius, the ten books on architecture*. Cambridge: Harvard University Press

Wallace-Hadrill, A. (2011). *Herculaneum: Past and Future*. London: Frances Lincoln.

Zimolo, P.M. (2017). *Leraning From Aleppo*. (Coleção Syria – The Making of the Future. From Urbicide to the Architecture of the City). Venezia: Incipit Editore S.r.l./Università Iuav.